

BRASIL-PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1901

N.º 49



V. P. R.

A Rainha Victoria

MORREU a Rainha da Gran-Bretanha e Irlanda, Victoria I, Imperatriz das Indias. Oitenta e um annos, feitos, pois nascera a 24 de maio de 1819. Ascendera ao throno, por morte de seu tio Guilherme IV, em 20 de junho de 1837, a menos de um mez de ter entrado na maioridade. Fora coroada em 28 de junho de 1838: casada com seu primo o principe Alberto de Saxe-Cobourg em 10 de fevereiro de 1840; viuva desde 14 de dezembro de 1861. Fallecida aos 22 de janeiro de 1901. Em idade, occupava o quinto lugar na lista das cabeças coroadas. O primeiro pertence ao nonagenario chefe da Igreja catholica, o Santo Padre Leão XIII. Em coraçoão, era o decano. Succede-lhe n'esse primado o imperador da Austria Hungria, que ascendeu ao throno em 2 de dezembro de 1848.

Deixa numerosa descendencia: setenta pessoas, entre filhos, netos e bisnetos, todos vivos, além de tres filhos e de tres netos, que morreram antes d'ella. O ultimo d'estes foi o principe Christiano de Sieswig-Holstein, filho mais velho da princeza Helena, e que morreu no Transvaal, como official do exercito em campanha. Duro golpe, que, ferindo o coraçoão amantissimo da avó, aggravou as preocupações patrioticas da Rainha. Um dos seus bisnetos, a princeza Eódora, casou ha dois annos, mas ainda não teve filhos. Sem isso, a rainha Victoria poderia ter visto tatarannos. Raras são as familias, que contam descendentes directos, vivos, por tão elevado numero; e das princezas, não ha memoria de outra, que chegue a tantos. Só isto bastaria para justificar o aserto de que foi principalmente pela familia, pelo culto e pela figuracoão das virtudes do lar, que a rainha Victoria dominou o seculo.

Foi a terceira rainha, que teve a Inglaterra. Antes d'ella, occuparam esse throno a rainha Anna, princeza frivola e mal inspirada, e a rainha Isabel — o maior monarcha d'aquelle paiz, a verdadeira fundadora da Britannia expansiva e possante, um dos maiores genios realengos, que o mundo tem produzido. A rainha Victoria não se assemelhou a nenhuma d'ellas. Nem foi a frivolidade sentimental e desordenada da rainha Anna, de Maria Stuart, e de outras cujos nomes marcam as chronicas de quasi todas as nações, nem foi a mascula energia, a providencia fecundante e reformadora, da rainha Isabel, de Maria Theresia, da imperatriz Catharina. Foi uma princeza, que possuiu no mais alto grau a consciencia, o sentimento pessoal, das superioridades da aristocracia; foi um chefe do estado,

A rainha nos quatro annos

que acatou com escrupulosos lealdade as obrigações e restricções do systema constitucional; e foi uma mulher, que se embroscou no amor dos seus subditos e no respeito universal pela pratica das virtudes, que constituem o invejado realce de uma solida burguezia. Na harmoniosa concordancia d'estas simultaneas orientações, que á primeira vista entre si parecem ter alguma coisa de contradictorio, está o segredo d'essa força moral exercida em vida pela rainha Victoria, e que á sua morte se traduz nas lutozas homenagens de todo o mundo. Em comparação — posto que a desigualdade dos thronos por demais exaliqua a desigualdade de influencia — e fallando só dos mortos para que a apreciação não seja iniquada de lisonjearia aos vivos, pode dizer-se que a rainha Victoria foi como a nossa chorada rainha D. Maria II, de quem o terrivel pamphletario do *Espectro* escreveu, n'um insuspeito arranjo de verdade, no meio do mais acceso das paixões da guerra civil: "que a sua casa podia servir de exemplo e de modelo a todas as côrtes da Europa." Ambas foram rainhas prudentes, esposas dignissimas, e exemplares mães de familia. A licoão, que assim desce do alto, é benéfico, que penetra fundo e se espalha por longe!

A rainha Victoria não estava destinada, pelo seu nascimento, para o importante papel, que desempenhou. Seu pae foi o duque de Kent, filho do rei Jorge III, e irmão

do rei Jorge IV; sua mãe foi a princeza Victoria, de Saxe-Cobourg, irmã do principe Leopoldo (mais tarde eleito rei dos belgas) que em segundas nupcias casou com o duque de Kent. Jorge IV teve duas filhas, mas que morreram ainda em sua vida; e o duque de Kent falleceu, quando a princeza Victoria tinha apenas oito mezes, sem deixar descendente varão ou filha de mais idade. D'esta conjunção de factos, que não estavam nas previsões normaes, resultou ascender a princeza Victoria ao throno de Inglaterra, que por tão largos annos occupou com expendor inextinguivel.



A duquesa de Kent e a princeza Victoria, na idade de dois annos

Se pelas previsões normaes da successão, a princeza Victoria não parecia destinada a tão importante e glorioso papel, tambem as suas disposições naturaes a não inculcavam para elle. A princeza Victoria nem era grandemente illustrada, nem superiormente intelligente. Deve isto dizer-se por fidelidade á historia, e sem menoscabo da consideração devida á memoria da augusta finada. Tinha, além d'isso, a attivez propria da raça, accentuada pela sobranceira do caracter, o que em parte lhe provinha da vivacidade exuberante do temperamento. A educação, que em grande parte foi ministrada por sua mãe, sob a cuidadosa vigilancia de seu tio o principe Leopoldo, que lhe serviu de pae, e que até o fim da vida lhe serviu tambem de conselheiro dedicado, visou principalmente a formar-lhe o coraçoão, que ficou largo e bom para todos os affectos e para todos os generosos sentimentos. Salutar objectivo esse, porque pelo coraçoão pode entregar-se, de todo, a um esposo, homem de elevados meritos de força moral, de devoção pessoal e civica e de intelligencia, que foi, emquanto vivo, o apagado mas verdadeiro rei de Inglaterra, o genio tutelar da familia e da patria adoptiva, e que, ao morrer, deixou a sua esposa e rainha affeição essas moldes, que para sempre fixaram os caracteristicos da sua personalidade. Não o esquece a Inglaterra, que venera a memoria do Principe-consorte; não o esquece a familia, que ainda agora, pela bocca do novo rei, de baptismo Alberto Eduardo, declarou na cerimonia da proclamação que usaria oficialmente o seu segundo nome, porque só podia haver um Alberto, Alberto o Bom, que fôra seu pae. Commovente e significativa homenagem de filho e de imperante!

A tres homens deve em alto grau a rainha Victoria o justo renome que alcançou no seculo: — o principe Leopoldo, que lhe serviu de pae e de conselheiro; o principe Alberto de Saxe-Cobourg, seu esposo; e o barão Stockmar, que junto d'este exerceu funções de collaborador intimo e secretario, e que era o intermediario do rei dos belgas.

A rainha Victoria, ao subir ao throno, foi recebida com desfavor manifesto. Sabia-se que lhe fôra dada uma educação alemã, inteiramente avessa ás tradições inguezas. Nomeadamente a aristocracia, que era então omnipotente, censurava o liberalismo physico-phico d'essa educação, representado pelo principe Leopoldo.

A rainha Victoria não era sympathica e a sua impopularidade cresceu até o ponto de ser alvo de violentos ataques. Uma vez, dois annos depois da sua ascensão ao throno, foi acolhida no campo de corridas de Ascot com uma explosão geral de assobios. O casamento com seu primo, outro allemão, e Saxe-Cobourg como sua mãe e seu tio,



A rainha Victoria, aos nove annos
Quadro de Richard Westall

Augmentaram o descontentamento geral. A dotação para o esposo, o título que havia de usar, as suas prerogativas, foram assumptos de ardentes polemicas na imprensa e desagradáveis discussões no parlamento. Tudo se congregava para uma opposição formidável, para uma reacção invencível. E a opposição acalmou-se; os descontentamentos trocaram-se por affectos; a antipathia foi substituída por uma veneração profunda; todas as animosidades se renderam, todas as desconfianças se desarmaram; e a rainha Victoria reinou sem contestação sobre os seus subditos pela mais solida das realzaes: a do respeito e do amor. Os inglezes elevaram á altura de um verdadeiro culto a veneração e respeito pela sua graciosa soberana.

Foi esta a obra magna do Principe-consorte. Foi um esposo dedicado, e que se conservou amante estremo e estremeado durante os vinte e um annos do seu consorcio. N'isso consistiu o segredo do seu absoluto predomínio. Assenhoreou-se por completo do coração da esposa, e pela esposa dominou a rainha. O jornal, constante de varios volumes, em que a rainha Victoria contou ao seu povo os miudos incidentes d'essa prolongada lua de mel, faz sorrir pelo estylo, pela redacção, pelo contexto, mas commove irresistivelmente pela sinceridade e espontaneidade dos sentimentos de ternura, que d'elle transbordam a cada pagina. O jornal basta para mostrar que a rainha não era uma grande escriptora; não era mesmo um grande espirito; mas era, sem duvida alguma, um grande e affectuoso coração, uma esposa dedicada e mãe amantissima. De ser boa mãe de familia proveio o ser bom chefe do estado.



Palacio de Kensington, onde a rainha nasceu

Pois o que devem ser os reis para os povos senão os chefes e protectores d'essas grandes familias?

Para que nada podesse perturbar, pelos sobresaltos da esposa, a serenidade e confiança da rainha, o principe Alberto impoz-se a observancia de apertadas normas de vida, que não deixassem entrada para as calumnias e as intrigas. O principe, que era um bello typo de homem, foi um esposo modelo. A não ser no campo, nunca sahia sózinho; não fazia visitas; e nas recepções mostrava-se reservado e frio. Por familiaridade espontanea, habituara a esposa a receber-lhe conta, todos os dias, do emprego do seu tempo. E' a propria rainha quem o diz no seu jornal. E assim se explica a dôr profunda que a rainha Victoria soffreu com a morte do principe, e a saudade pungentissima que a alcançou até o fim da vida.

Aquelles vinte e um annos de consorcio foram um noivado perenne, vida ridente nos páramos do infinito azul, só perturbada pelas canceiras e preoccupações dos negocios do Estado. A rainha achou-se viuva, como se n'esse dia tivesse começado a ser esposa. E tudo isto o communicou ella, no jornal da sua vida, aos seus fieis subditos, admitindo-os á sua confidencia, abrindo-lhes os recessos do seu coração, captivando-os por essa intimidade e edificando-os tambem pela exemplificação d'essa santa e abençoada ternura que, fortificando as familias, constitue uma grande força moral da vida interna das nações. O jornal da rainha Victoria, que litterariamente faz sorrir, social e politicamente dá muito que pensar, porque foi de vasto alcance e salutar influencia. A Inglaterra, que copia os figurinos dos seus principes, aceita tam-



Principe Alfredo

Principe de Galles

Princesa Alice

Princesa Helena

Princesa Real

A Rainha Victoria, o Principe-consorte e seus filhos



Duquesa de Kent, mãe da rainha Victoria

bem como regras do bom e honrado viver a vida íntima dos seus reis.

A gloria immorredora do Príncipe-consorte foi o não ter aproveitado para qualquer fim de engrandecimento pessoal o predomínio absoluto, que, pelo amor da esposa, exerceu sobre o animo da rainha. Essa influencia empregou-a toda em beneficio da sua patria adoptiva, e da consideração e renome da soberana. Para si proprio reservou apenas a felicidade domestica, de que em largo quinhão foi participante e promotor. A justiça da historia preenche em proveito da sua memoria o que fez falta em proveito da sua pessoa, inscrevendo, com o acatamento e assentimento de todos, o nome de Alberto o Bom entre os benemeritos da poderosa Gran-Bretanha.

Não cabe nos estreitos limites de um artigo de occasião registar, e menos ainda apreciar, os principaes acontecimentos do reinado de Victoria I. Destacaremos apenas d'essa relação extensissima, para breve menção, dois factos que interessam ao conhecimento do systema politico, e do regimen constitucional, que se pratica em Inglaterra.

A rainha Victoria tinha no mais alto grau a altivez da aristocracia de raça. A pragmatica da corte, durante o seu reinado, foi sempre muito quindada, e a rainha era intransigente em a fazer cumprir, e exaggeradamente severa em punir as insolencias.

De uma vez, a uma dama altamente collocada, que se permittiu a liberdade de lhe apparecer, sem previa licença, com a moda nova das farrigas cortadas sobre a testa, prohibiu-lhe a entrada na corte até que os cabellos lhe crescesses. E esta rainha, assim exigente em pontos de etiqueta, que por natureza costumam andar annexos a tradições e vestuços preconceitos de fidalguia, fez seu primeiro ministro um judeu, descendente de veneziano, elevou-o ao parião — que é alguma coisa differente do parião em Portugal — e um dedicado servidor do throno e da nação. O judeu Disraeli foi feito lord Beaconsfield, de cujas mãos a rainha Victoria recebeu o titulo de imperatriz das Indias. E a velha aristocracia recebeu com muito agrado e honra em seu seio o novo lord, e o povo confirmou pelos seus applausos a nomeação official.

É que, em Inglaterra, a aristocracia não constitue uma casta, uma classe fechada, em que se movem apenas os possuidores, legitimos ou espurios, de grandes nomes historicos, fazendo lastimoso contraste, pelos rebaixamentos e degradações do presente, com os esplendores do passado. Também não é praça franca a chatis de frioteiras e intermediarios de ruindades, desejosos de distinguirem a insignificancia ori a velleza com o carimbo heraldico. Em Inglaterra, a aristocracia não é uma instituição obsoleta ou uma caricatura; é uma força. É uma classe privilegiada, sim, mas aberta a todas as superioridades, sendo a do sangue unicamente um accidente, que não domina as outras. A conhecida distincção entre *gentleman* e *gentilhomme* é substancial. Uma tal aristocracia constitue a melhor consagração da democracia pratica.

O outro facto é a crise, que ficou sendo conhecida pela designa-

ção das *bedchamber women*; a crise das *acaçafatas*, poderá dizer-se em portuguez. Em maio de 1839, Robert Peel, que então pertencia ao partido conservador, foi chamado ao governo, em substituição de lord Melbourne. Eram damas da rainha, muito predilectas, a esposa de lord Normanby e a irmã de lord Morpeth, os quaes tinham exercido importantes funcções de confiança durante o gabinete de missionario. Roberto Peel, depois de combinar com a rainha a constituição do novo ministerio, reclamou a demissão d'aquellas damas; a rainha recusou. Robert Peel declinou o encargo de formar gabinete e levou a questão ao parlamento. Foi de novo chamado ao governo lord Melbourne, que sustentou a recusa da rainha. Mas sustentou-a com a declaração, que fora acordada em conselho de ministros, de que os grandes cargos da corte, e as posições occupadas na casa real pelos membros do parlamento, faziam parte do pessoal de confiança politica dos ministerios; e só com a attenção, para a especie discutida, de que as damas de honor não estavam comprehendidas n'essa categoria, por exercerem meras funcções privadas nos aposentos reservados de sua magestade. Apesar da declaração formulada pelo conselho de ministros, houve discussões vehementes, na imprensa e no parlamento, e foi esta a questão que mais agravou a impopularidade da rainha Victoria nos principios do seu reinado. Mas o principio politico ficou; e se de futuro não se tornou necessario applical-o, foi porque as *acaçafatas*, e também os *acaçafatos*, se deram por advertidos, e a rainha accitou o ensinamento com a escriptura lealdade, que fez d'ella um modelo de reis constitucionaes. No reinado da rainha Victoria não houve *camarilhas*.

Profundas e variadas foram as modificações economicas, sociaes e politicas, que se deram na Inglaterra durante o longo reinado de Victoria I. A rainha e os seus conselheiros e dirigentes acompanharam esse movimento, facilitaram essas beneficas evoluções, mas não foram os creadores e impulsores da transformação.

O seculo XIX não se poderá chamar na Inglaterra o seculo de Victoria, como a outra epoca se chamou em França o seculo de Luiz XIV, e a um cyclo do imperio romano se chamou o seculo de Augusto. Em Inglaterra, acima das personalidades mais culminantes, está o genio do povo inglez, está a collectividade: — uma nacionalidade robusta, que se caracteriza pela energia do trabalho, pelo vigor irresistivel da expansão, pelo maravilhoso equilibrio do seu senso pratico, e pela cohesão e indomavel firmeza do seu patriotismo.

A rainha Victoria, com ter sido uma princeza, que pelas suas egrezas qualidades se impoz aos respeito de todo o mundo, absorve-se na magnificencia vital do povo, de que foi soberana. Foi a grande rainha de um povo, que é o maior de todos. Teve ao seu serviço illustres ministros e homens de estado, mas outros igualmente illustres houvera em reinados anteriores, e pouco antes o immortal Pitt. Floresceram no seu reinado as sciencias, as artes, as letras, mas os seculos passados também deixaram registo de nomes dos mais distinctos e afamados em todos esses ramos do engenho humano.

A Inglaterra fez-se de longe, pelas solidas energias da alma na-



O duque de Kent, pai da Rainha

clonal em sucessivas gerações; não a podia formar um príncipe, por mais extraordinário em mercedimentos, que fosse, a golpes de machado, como Pedro I formou a bronca Rússia. Pode-se odiar a Inglaterra pelos seus agravos; mas não se pode deixar de admirar nas suas grandezas. E os que muito amem o seu país, só tem a desejar que elle prospere pela imitação das suas virtudes.

Morreu a rainha da Gran-Bretanha e Irlanda, imperatriz das Indias. Deixa extensa linhagem. Um neto no throno da Alemanha; uma neta no throno da Rússia. Outros, no throno da Grecia, da Roumania, nos ducados de Saxe-Cobourg e de Hesse. Parentes proximos em todas as familias realleagas. Sepulta-se a mulher, desaparece a rainha, espalha-se luto intimo por todas as côrtes, mas a poderosa Britannia fica, sem perturbações e sem abalos, proseguindo nos seus mysteriosos destinos: — enorme imperio que caminha para o apogeo; e que, por sujeição a leis ineluctaveis, talvez venha então a decompor-se e dividir-se, como astro gigante, que nas immensidades do espaço se fragmenta em myriades de rutilas estrellas.

EMYODIO NAVARRO.



A rainha na capella de S. Jorge, em Windsor, 1840
Quadro de H. E. Dawe

A Rainha Victoria devia completar no dia 24 de maio 82 annos, pois nasceu em 1819. Subiu ao throno de Inglaterra por successão de seu tio Guilherme IV, que não tinha herdeiros. Era filha unica do duque de Kent, Eduardo, e da princeza de Saxe Coburgo, Luisa Victoria. Educada finamente pela duqueza de Wethumberland, cursou com grande enthusiasmo varias sciencias naturaes e historia, aprendendo, além d'isso, as prendas peculiares ao seu sexo. Mais tarde, designado lord Melbourn, pelo rei Guilherme, de a iniciar sobre a constituição inglesa, afeiçoou-se muito a esse estado, que teve sempre no espirito da princeza grande influencia.

Em 1837, morto o Rei, succedia no throno, e conta-se que, quando dois emissarios lhe foram communicar a morte de seu tio, dormia a

joven princeza a bom dormir e só a muito custo puderam conseguir que a sua dama a despertasse, para fallarem sem demora — a Rainha de Inglaterra.

Estava então ella em plena e ridente juventude, e chamavam-lhe a *Reina inglesa*. Não faltavam então pretendentes á sua mão, e a politica impunha-lhe uma rapida escolha entre o duque de Nemours e o principe Alberto de Saxe-Coburg-Gotha, seu primo. O coração manifestou-se pelo ultimo, casando em 1840, e essa uniao toda de amor foi felicissima por todos os motivos. O principe era um bello rapaz, muito sympathico, muito illustrado e de grande bom senso. Conselheiro dedicadissimo, alheiou-se sempre da politica, mas foi para a Esposa um auxillar valioso de todos os dias e de todas as horas. Essa felicidade durou vinte e um annos. Em 1861, após a morte de sua mãe, perdia o esposo idolatrado e foi tal a sua magoa, que durante cinco annos quasi se eclipsou, sendo necessario grandes esforços dos ministros para a fazer sair d'esse isolamento voluntario.

A Rainha teve oito filhos: a princeza Victoria Adelaide, hoje imperatriz da Alemanha, viuva do imperador Frederico Guilherme; o principe de Gales, actualmente Rei de Inglaterra; o principe Alfredo, duque de Edimburgo, principe reinante de Saxe, morto ha poucos mezes; a princeza Helena, casada com o principe de Slesvig Holstein; a princeza Luisa, marquez de Loene, pelo casamento; o principe Arthur, duque de Cambridge, casado com a princeza da Prussia, Luisa Margarida; o principe Leopoldo, duque de Albany, marido da princeza Beatriz, esposa do principe Henrique de Bathenberg.

Deixa varios livros e entre elles quatro mais apreciados: *Meditações sobre a morte e a eternidade*, publicado em 1863 e tres volumes em 1868, 1884, e recentemente *Loves from the journal of our life in Highland* que são as suas memorias escriptas singelamente.

Por milagre escapou muitas vez á morte. Em 1838, logo no principio do seu reinado, um individuo tinha se introduzido nos seus aposentos do palacio de Buckingham, para a matar. No mesmo anno, outro foi tambem preso no castello de Windsor, e dois annos depois, em 1840, em Constitution Hill, quando voltava de passear com seu



O primeiro conselho a que assistiu a Rainha, no palacio de Kensington, em 20 de Junho de 1837

marido, desfecharam-lhe dois tiros de pistola, que, felizmente, não a atingiram. Mezes depois, no mesmo anno, um rapaz de 17 annos havia-se escondido debaixo de um sophá, no seu quarto de *toilette*; a 27 de junho de 1836, passando com seus filhos, um individuo deu-lhe uma cacetada na cabeça, e em 1882, ia sendo finalmente victima de outra tentativa que não teve consequencias, como não teve tampouco a de 1872, quando um individuo de nome O'Connor lhe desfechára uma pistola.

Viajou muito. Esteve por varias vezes em Paris e ainda recentemente aquella deliciosa *Cote d'azur* franceza sorria-lhe a ponto de ir passar alguns mezes de inverno em Nice ou outras cidades do littoral. Visitou em Berlim, seu genro; em S. Sebastien a rainha regente; em Hespbruk, o imperador d'Austria; isto no ultimo periodo da sua vida.

O duque de York, hoje herdeiro do throno de Inglaterra, chama-se Jorge Frederico e tem 36 annos. Nasceu em 1865 em Malbough-House, dezeseite mezes precisos depois do seu irmão mais velho o duque de Clarence, que morreu.

Com elle entrou na marinha de guerra em 1877, ambos cadetes, fazendo a sua viagem de instrução a bordo do *Britannia*.

Depois fez uma viagem longa á volta do mundo, e em 1883 embarcaram novamente os dois como guardamarinhas, sendo promovidos dois annos depois a tenentes. Em 1890 foi nomeado para commandar a canhoneira *Trusé* na sua estada nas Indias Occidentaes, onde inaugurou a Exposição Industrial de Jamaica. Em fins d'esse anno foi á Irlanda, onde adoeceu gravemente.

Em 1892, fallecido o duque de Clarence, foi proclamado herdeiro do throno, tomando assento na Camara dos Lords. Um anno depois casou com a princeza Victoria Maria de Teck, fazendo-se então grandes festejos. Uma das nossas gravuras de hoje descreve esse casamento.

A rainha Victoria era muito simples e economica nos seus habi-



A rainha aos 10 annos

assada e alguns doces. Era muito apreciadora de vinhos bons, e na sua frásqueira, que é riquissima, existem ainda algumas garrafas de Chateau Margaux, com que em 1840 a brindou o rei Luiz Filippe de França.

Ha uma resposta curiosissima da rainha ao arcebispo que os casou, quando lhe perguntava se seria obediente a seu marido, segundo o uso ritual.

A rainha melindrada na sua virtude de esposa, disse firmemente:

«Caso-me como mulher e não como rainha».

tos. Uma manhã, passeando no Jardim de Osborne, encontrou-se com uma de suas filhas, hoje imperatriz viúva da Allemanha, que andava tratando das suas roseiras, e reparando que ella calçava umas luvas novas disse-lhe:

— Não podias ter posto umas luvas velhas para esse serviço? Quando eu era da tua idade e tratava das minhas roseiras poupava as luvas.

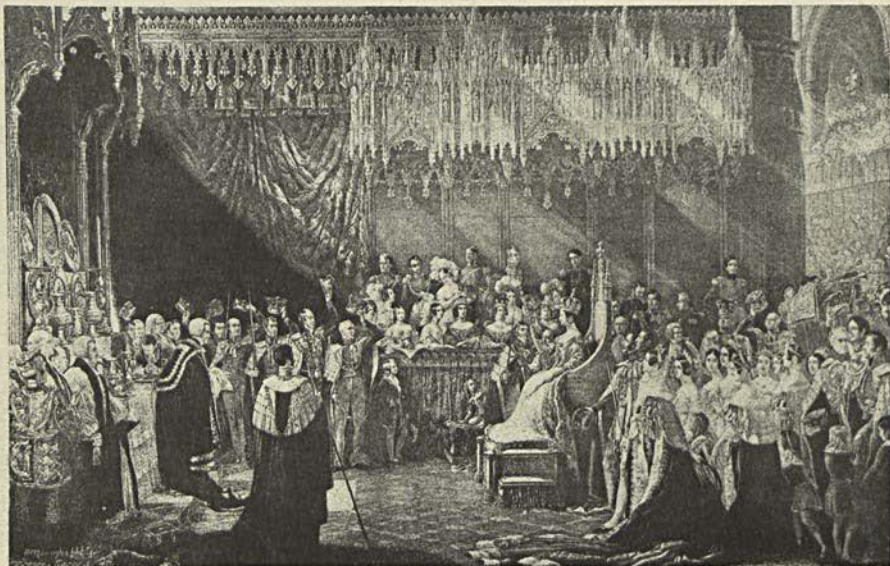
— E' que a minha mãe não era, como eu sou, filha da rainha de Inglaterra, replicou a princeza.

Tinha uma tunda affeição por todos os animaes, mas os cães e os cavallos eram os seus predilectos, e muitos d'elles figuraram, pintados pelos mais atamados artistas, no seu jornal.

Um dia, conta Miss Sarah Torley, no *Woman at House*, a rainha encontrou n'uma estrada um hortelão a bater desapidadamente n'um lindo pony branco. Perguntou-lhe se o queria vender e comprou-o.

Condoída dos pobres cordeirinhos immolados pela ferocidade dos margarefes, excluiu das suas refeições tudo o que fosse preparado com a carne d'elles.

Os seus jantares eram muito simples. Em geral comia uma sopa de farinha de aveia, bebia uma taça de Sherry branco, e depois servia-se apenas de carne cozida ou



A coronção da Rainha Victoria, na Abbdia de Westminster, em 28 de junho de 1838



Palacio de Osborne, ilha de Wight



Palacio de Buckingham

As ruas lisboetas no tempo de D. João V

As ruas de Lisboa do século XVIII podiam pôr-se á parilha com as de outras capitais europeias. As primeiras não eram menos policiadas nem menos limpas que as segundas. Na Londres de Carlos II, o moço brião, o *molock*, estava habilitado a livelar-se hombro a hombro do lutilissimmo e burrificadissimo trançaruro. Desleixava as mulheiras, praticava maganeiras e picardias de tomo, derrubava os passageiros pacíficos, arrancava da espada a cada passo, dava um relevo tragico ás suas aulacias. Os caixés e as *chocote-houses* — contubernáculos da casquinaria — formavam espiquesiros de bebados, que d'ahi arremetiam com o impeto da rolha de uma botella de Seltz. Quem escapava das unhas trulculentas dos enxames de tuantes cahia nas garras leoninas das quadrilhas de larapios, devidamente mobilizadas e comandadas por capitães, cuja solerzia meteria na sombra o Estratagemas de Pollyano, e daria quinau aos estrategicos modernissimos, que reduzem as batalhas a calculos mathematicos e as cargas a equações algebricas. Ao luso fisco, já o cidadão jansenista perigava em se aventurar por essas alfurjas atoladicas, de onde emanavam cheiros muito diferentes dos do *honey-moon* ou do *white-rose*.

No occaso do século XVIII, Londres soffria as incurações dos cadetes do *Royal Smart* — como diziam os actuaes chrouqueiros —, dos noctivagos cervenantes, que, sob o nome de *mohicanos*, tyrannizavam a capital bolista, cultivando a arte infanta das libações, entregando-se á alacridade dos brinços tumultuosos e ás alegrias lethiferas dos ataques violentos. No entretanto, o principe de Galles conduzia a vida á *grandes guides*, recedeva os costumes dissolutos da corte de Carlos II, os habitos licenciosos dos Buckinghamas e dos Rochesteras, habitos e costumes ignorados pela mór parte dos habitantes da *Old England*, porque ainda se não desmembestava o furor demoniaco da desahibitorica reporterista, que nos obriga a exclamar, parodiando o estribillo sombeteiro da caçoqueta: *Rien n'est sacré pour un reporter!*



A rainha no traje militar, que assistia á revista de Windsor, em 1757

A propria Paris do Consulado, a metropole do bom gosto, o basar das elegancias superiores, ainda tinha bairros onde a nequicia dos pilhos faria sonhar Penson du Terrail, mercados que, a deshora, eram bengalés de patifeos, de entes mal-propuidos, e ruas que eram suavis sempre torrentes ou cloacas. Sobre os tapetes verdes das tavolagens, amontoava-se o ciro Todo Poderoso, trapeava-se sem biocos. E as comminações draconianas, registadas no Codice de Policia de De la Mare, continuavam letra morta... As deusas do Olympo parisienses não trepidavam em atar seus braços desalados ao pescoço encardido do avernubês balardo, que as transportava de um a outro lado da rua a fim de não macularem as lindexas dos escarpins delicados como joias de Nitau, a artificialidade esthetica dos vestidos de Leroy e a fimbria dos mantos senhorios de Herbault. O enurro fartalhante das vias publicas constituia facto normal e permanente, tanto assim que, Madame de Staël, no exilio de Coppet, tinha uma phrase suggestiva com que evocava a patria ausente: *Mon petit ruiseau de la rue du Bac*.

A Lisboa de D. João V, a Lisboa simultaneamente freiratica e frascaria, a que o gelatinoso *bandalho* ou *faccira*, a que o gelatinoso *bandalho* ou *faccira*, e a vaidosita *frança* davam o *sainete* elegante e comico, a Lisboa em que a ultima homenagem á virtude era a hyperbolica, distancia-se prodigiosamente, mais pelos usos do que pelo transcurso de tempo, da Lisboa hodierna. N'aquella, a vida nocturna da rua era um combate, e a vida de salão um *sport* sentimental e voluptuoso, que tinha os seus principios minuciosos e dificeis, as praxes indelictiveis de um inquebrantavel formalismo. Realisar phantasias de equitação nos picadeiros do Corte Real e de Alcantara, applaudir as vocalizações bizarras ou o pathos lyricos da Petronilla e da Zamporini n'esse lenço de algibeira que se chamava o teatro da Rua dos Condes, gravitar em torno das sacerdotias de Thalia, de Melpomene e de Esterope no theatro do Bairro Alto; cortejar a pouco arisca Dionysia Agas Bellas, a *Francesa*, uma andorinha de amor *haut-tarifée* que se aninhava por cima do Açougue-Velho no Terreiro do Paço, teer o idyllillo rosa com as belezas de escerpulos chlorophormisados, bandarrear por portarias de conventos e adros de egrejas, succediar as *madamas*, concorrer a outeiros e a abadeçadões, a assembleias e a serões ao divino nos pateos conventuales, a proçissões, a torneos, a tardes de toiros no Terreiro do Paço e no Rocio, eram entretenimentos bastantes para o



Castello de Windsor, onde a rainha morreu



Castello Balmoral, na Escocia

mancebo alioço, saturado da pompa melancólica da corte, amolecido por essa atmosphera palaciana, esdrúxulamente composta de poeira de ouro, de pó balsamico dos tocadores e de incenso litúrgico.

As angustas e tortuosas ruas lisboetas, anteriores a 1755, quasi que desconheciam o beijo do sol. Imprezavam-se da triateza pesada e inquietadora dos burgos medievicos. Uma paz solenne desceia das architecturas silentes, das frontarias retocadas pela patina secular, das couceiras vetustas, das paredes abocetadas, sabindo em *console*, por cima dos portaes. As casas, em seus embocos, revestiam a apparencia mecenoria de ruínas nos seus crepescos; o mysterio pairava no ar; uma gaze lacrimosa esfumava as coisas. Na rde emmaranhada de vieellas e be tesgas sem illuminação, que constituia a cidade baixa, reinava o silencio que outr'ora havia na Roma de Nero e de Caligula, esse silencio que Tacito denominou — o cumprimento da tyrannia.

As ruas de maior movimento e de maior anchura eram a rua Nova do Almada, a rua da Calcetaria, a rua dos Ourives do Ouro e rua Nova — a sortia de Lisboa, na expressão masculina de Herculano. N'esta ultima estava o café de *Mandam* Spencer, onde os mercedores estranqueiros e os marceantes hypnotisavam o cerebro e derrancavam o estomago. O Rocio formava o ponto centrico de reunião *select*. Nas tardes estivas, lá se viam os coches com seus laços de taboa, as liteiras e as cadeirinhas, fazendo o gyro regulamentar da moda, e os pelmetres caricaturaes, peipaticos de novo genero, bamboleando-se na cadencia dançante do seu passo de gavota.

Pela callada da noite, lobrigava-se a ronda dos quadrilheiros ou be leguins, capitaneada pelo alcaide ou pelo meirinho — officinas de justiça subalternos do Corregedor — quando não era pelo proprio Corregedor e do Crime. Os pouquissimos transeantes stoppavam á voz inquiridora d'aquelle chefe policial: — «Quem é, e para onde vae, da parte de El-Rei?» Depois, os rondadores continuavam a passo bovino, com o seu chapéo armado posto no cabecio, dando-lhe a apparencia de estarem cobertos com um accento circunflexo. Nas casas de jogo corriam os dados, tiintavam os dobrões, falcstruava-se; nos abjectos bordéis das aleoias tanslavavam-se os desejos ambulantes; a luz afumada e frouxa das



A rutaha em 1836



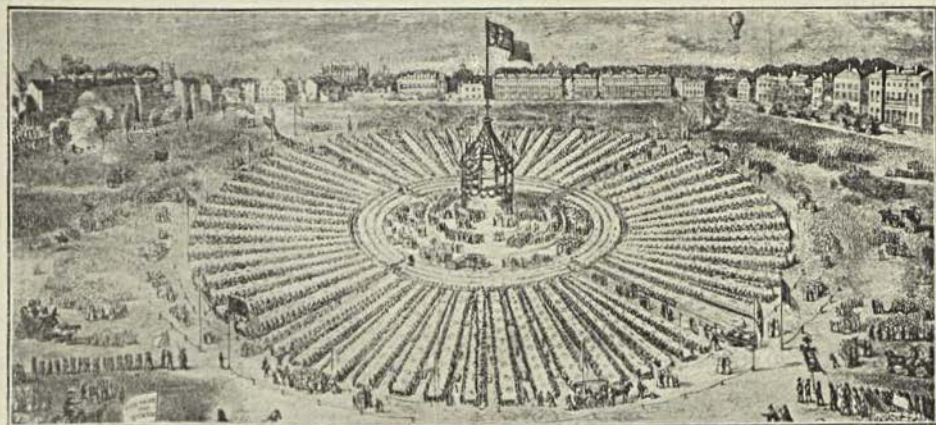
Tamulo de Alberto, e Rom, marido da Rainha Victoria

lampadastoscillava deante dos oratorios ou nichos devotos nas encruzilhadas; e de mais de uma ventana se debruçavam vultos femininos para melhor repetirem, com figurões embuçados, o mellissimo dialogo de *Homem e Julietta*; aqui e acolá, cruzavam-se os ferros decisivos em reconto subitaneos, em inopinadas fanfarronias parlapiptadas do canalhismo lazaronico. Os andejes nocturnos, os que, alta noite, flsnavam ao acaso das aventuras, não se arriavavam fóra dos penates sem irem cautelosa-

mente rebuçados em amplo capote, como especie de mascara dissimuladora, que reassumbraria o mysterio ultrapicante de um anteface do tempo de Catharina de Médicis.

O anedoctismo da epocha devia ter o sacco cheio de casos picaros. Diz-se que, certa noite, em que o azeviro D. João V passeava pelo Terreiro do Paço, envolto na sua capa como D. Carlos no primeiro acto de *Hernani*, foi abordado por um advogado lisboeta, que trajava de igual maneira e que lhe desfechou esta facécia charrra, mas atrevida como um golpe de espada branca: — «Adeus, João! Como te vae de fortuna com os rapazes?» A chufa provocante, tenazmente repetida, obrigou o rei a mandal-o prender nas vesperas de se fazer do vela a nau da India.

A freira de Odivellas, concubina do soberano, interveio no lance, e o casuistico foi solto, depois de uma reverendissima reprimenda do confessor de Sua Magestade. As formas de correccão eram tyranticas e summarias. Conta-se que, quando, por noite velha, D. João V, acompanhado pelo seu alcovite, se dirigia ao serralho de Odivellas, nota-



A grande festa da Coroação, em Cambriga

sempre que a janella de umahabitacão no Campo Grande estava interiormente illuminada. Intrigado com o caso, ordenou aos alguais que, sem detença, lhe dessem busca e o tivessem o inquilino. Dito e feito. Bateram á porta e intimaram o habitador a acompanhá-os. Encontraram um volute magrão, que, vitalizado por um desejo morbido, se levantava da cama para se certificar do numero de vezes que o sobrano ia escrever o mel dos beijos de Madre Paula e electricar seus nervos na onda reversa dos prazeres eroticos. O pobre homem foi arrastado do leito em trajes menores, enfiado num coche e conduzido ao Terreiro do Paço onde o expozeram ás brizas da madrugada, ao palitar da galatageo e ás regatias do mulheto, até que veio ordem de o reconduzirem á casa.

É a pneumonia consequente castigo ou da sua curiosidade serodida. A segurança publica deixava muito a desejar. Comettiam-se atrociosos desaforados, despiam-se pessoas em plena rua até as deixarem na *toilette* innocua de Adão; praticavam-se assaltos rocambolescos, investidas selvaticas, apesar dos exemplarissimos castigos que puniam os ladrões, factos como o tratos de polo, encarceramentos, açoutes, galés, marcas e outras sobrecargas. No Bairro Alto — moderno receptaculo notorio de todas as tentações e de todos os vicios — campeavam os gatuões, em cujo numero se enfileiravam «pataratas que passavam a *Cité* com lamento e bisarria.» Um dos ladravazes capturados era filho do engraçadissimo Antonio Antunes, comico do theatro da Rua dos Condes. Bandos de vadios provocavam desordens, tirando as cabeleiras aos transeuntes e dizendo em ar de móta: — «Mata a galinhola!» Os clérigos pareciam ter a viveza de d'Artagnan e a corrupção de Dubois; muitos d'elles gatuavam.

Travavam-se pendencias por dá cá aquella palha. Por que a carruagem do filho do marquez de Tavora tomou a serze de Bartholomeu de Vasconcellos no Paço do Bom Forno, os dois sabiram dos respectivos vehiculos e terçaram flores, emquanto os creados de um e os moxilas de outro brigavam por sua conta e risco. Na rua dos Ourives da Prata, dois casquillos apareceram das suas carruagens, cumprimentaram-se,



A rainha em 1839

pucharam dos espadins e começaram a esgrimir, até que intervieram os logistas do arrumamento. N'um dia de procissão do Corpo de Deus, estando todas as ruas toldadas e armadas, o Desembargador Porcil deu rua na Baixa e prendeu 150 pessoas, a maioria das quaes trahia armas prohibidas. As regateiras, os bufarinhos e os papelistas do Terreiro do Paço desafiavam e mutuamente se jogavam phrases tartaricasas, injurias casticas como vesicatorios; os marriolos, os agudeiros e as regateiras da Ribeira das Naas chifriavam n'uma coprorria de doestos, a ponto de serem chamados piquetes de cavallaria do Caes e esquadras de infantaria para apaziguar as bulhas.

Indo a rainha para a igreja de S. Domingos, as regatões circuitaram o coche regio, que ella mandou parar, no intuito de ouvir as queixas das mulheres contra o administrador da Almotacaria.

Os laçaios de senhores conspicios, sentindo as costas queues, demasiavam-se nos atrevimetos. Quando o Senado ordenava o concerto das ruas, fazia-se cerrar por meio de tranças.

Mas elles derrubavam-n'as e agrediam os *frisos* ou *frigidios*, como succedeu em 1703, na rua Nova do Almada, com o liteireiro da marquez de Unhão, com um moxila do coche do conde da Esqueira e com um laçao da filha de D. Lourenço de Almada.

O accio das ruas era problematico. Para ahí se lançavam as imundicias, a tal ponto que, no inverno, os enxurros desciam do Bairro Alto á rua Nova, que se obstruia com o lodo e as podridões verdejantes. As pretas da Lapa formavam uma legião negra, á qual se commettera o encargo de transportar os despejos caseiros ao Tejo.

Depois do terramoto de 1755, a limpeza melhorou muitissimo, o que não impediu que Lord Freemans, que viajou em Portugal de 1778 a 1779, notasse que uma symphonia scathologica de perfumes brotava das ruas lisboenses.

Como, porém, já ultrapassámos as balizas limitativas do reinado de que particularmente nos occupámos, por aqui nos fechamos.

PICTO DE CARVALHO (Timop).



O casamento do Duque de York, filho primogenito do rei Eduardo VII e futuro rei de Inglaterra, com a princeza Maria de Teuk

Barcelon Integral

25 de Janeiro de 1901.

O século que finda deixa a quasi todos os estados europeus, e ainda aos de fóra do nosso continente, como saldo graves problemas a resolver. Principiemos pela Espanha.

A crise, em que esta nação ha tanto tempo se debate, parece ter chegado ao seu periodo mais agudo. Ninguém se illuda com a apparente quietude da politica espanhola no actual momento, nem com a relativa facilidade com que o governo dominou a recente tentativa de insurreicção carlista. O mal tem raizes profundas e a doenca que corre o organismo nacional dos nossos vizinhos segue fatalmente o seu curso, sem que logrem demorar-lhe os efeitos os remedios empiricos, que lhe applicam os medicos incumbidos do tratamento. As causas do enfraquecimento successivo da Espanha no seculo que terminou são muito complexas, mas todas conducentes ao mesmo fim — a desintegração da sua unidade nacional. A verdade, que a nação constituida por Fernando e Isabel no seculo xv sobre os escombros das velhas autonomias peninsulares, nunca se fundio n'um todo homogeneo, persistindo n'ella sempre mais ou menos accentuadas tendencias separatistas. Mesmo no periodo da sua maior gloria, quando pôde dizer-se que o mundo inteiro era um feudo da sua corôa, não logrou ella conservar Portugal, nem evitar que a Catalunha se levantasse em ruídoso protesto. Não vem para aqui n'este momento investigar que parte de responsabilidade cabe na desorganisação da Espanha actual á inhabilidade dos homens e á fatalidade das circumstancias. O grave erro, d'onde derivam todas as difficuldades posteriores, foi o ter-se constituido a unidade da peninsula em torno de Castella, a região ibérica menos apropriada por todas as razões para desempenhar esta missão. Se a unificação se tem realizado, escolhendo como centro de atracção Portugal ou a Catalunha, os destinos historicos da Espanha haveriam sido outros. O castelhano dominou; mas nunca pôde assimilar, e muito menos fundir n'um todo politico homogeneo os particularismos locais, alentos pela geographia e pela tradição. Enquanto a espada victoriosa dos aventureiros enviados de Madrid teve jungido ao carro triumphal das Espanhas o Novo Mundo com as suas minas e os seus campos abertos a todas as ambições da metropole, o separatismo das diversas provincias calou as reivindicações tradicionais, inopportunas no momento em que a bandeira da patria cobria cheias de gloria e de triumpho os castelhanos pherios. Logo, porém, a emancipação das colonias americanas iniciou o processo de desintegração do imperio philippino, principiaram outra vez a acorlar as tendencias divergentes do particularismo peninsular. De todos esses regionalismos os dois mais vitaces, e por isso mesmo os mais perigosos para a unidade espanhola, são o vascongalo e o catalão. Custáram qualquer d'elles á Espanha, sómente no seculo xix, umas poucas de guerras civis, e com ambos elles muitos menos teve o governo de Madrid de transigir, para lhes amortecer as resistencias. A's provincias vascongadas deixou certo numero de regalias locais, que embora não tenham a importancia dos antigos fueros, ainda assim constituem para essas provincias um regimen privilegiado. A' Catalunha concedeu a proterção pautal para a exploração commercial das duas ultimas colonias que lhe restavam — Cuba e as Philipinas. Foi sobre a legislação aduaneira de favor, que se fundou a prosperidade do principado. Barcelona encheu-se de fabricas e officinas, como qualquer cidade ingleza ou allemã, para inundar com os seus productos, protegidos contra a concorrência estrangeira, os mercados d'alem-mar. Havana e Manila foram tributarias das casas de exportação da Ramba.

Comprehende-se que na vigencia de semelhante regimen os catalães não tivessem interesse algum em agravar as suas desintelligencias com Madrid, fenderam, ao menos temporariamente, o direito ás suas velhas reivindicações historicas, e accediam com desusada violencia aos seus productos da sua industria, que lhes enchia as officinas de encomendas e os molhes de fretes e passageiros.

Sobrevem, porém, a guerra hispano-americana. Os hespanhoes são successivamente batidos em Cuba e nas Philipinas. O epilogo d'esta guerra infeliz, tão levanemente provocada pelo quichotismo castelhano, todos sabem que foi para a Espanha a perda integral das colonias que ainda lhe restavam, e a accção de uma desusada violencia aos seus productos da sua industria, que ser dizer a industria catalã.

E' cedo ainda para se poderem apreciar na economia da peninsula todas as consequencias d'este importante facto historico. Na vida, porém, fabril da Catalunha já os primeiros e desastrosos efeitos d'elle se fizeram sentir. Com a perda de Havana e Manila cessaram as encomendas. Grande parte das officinas de Barcelona tiveram de fechar. A miséria illustrou-se de um modo assustador. E com a fome, que é má conselheira, principiaram a accção de uma desusada violencia outra vez os protestos contra a união com Castella, que nada já pôde offerecer ao principado em troca da sujeição politica que lhe impõe.

Eis o estado da Espanha ao findar o seculo xix. Empobrecida pela mais imprevedida das administrações, diminuida em importancia pela amputação violenta dos seus dominios ultramarinos, ameaçada pelas tendencias separatistas dos vascos, e sobretudo dos catalães, e ainda por cima retalhada pelas facções politicas, que em vez de aprenderem na desgraça commum a mudar de processos, continuam impetuosos nos mesmos erros, sacrificando a possibilidade de uma futura regeneração da patria no altar dos seus mesquinhos interesses de corralho.

Se da Espanha passamos á França é igualmente melancolico e

cheio de ensinamentos o espectáculo, que ali se nos depara. Não que esta nação soffra exactamente dos mesmos males que affligem a esta vista d'aquem dos Pyreneos. Mas outros e porventura mais perigosos lhe ameaçam o organismo. E' a França muito mais rica do que a Espanha. E' mesmo, no que respeita á *spure* nacional, a nação mais rica da Europa. Por outro lado, sentimento algum separatista enfraquece a forte unidade do centralismo. E no entanto a crise que n'este momento a trabalha é tão profunda, que pôde comprometter a posição que até hoje ella tem mantido no concerto dos povos cultos. Tinha-se supposto e com bem fundado motivo, que a terceira republica daria finalmente á França a formula definitiva do seu equilibrio politico, e ao mesmo tempo o meio seguro de lenta mas progressivamente ir resolvendo todos os graves problemas da sua economia social. Acreditou-se que a forma de governo instituida sobre as ruínas da mais temerosa catastrophe, que inscreve a historia milita d'este seculo, era o remate, finalmente encontrado, á obra da Grande revolução; e que fechado assim pela força das circumstancias o cyclo das constantes mutações governamentais, o povo francez entraria por fim na evolução normal indispensavel ao seu futuro progredir.

Infelizmente, porém, não aconteceu assim. Politicamente a terceira republica não conseguiu desarmar os partidarios dos regimens anteriores, e socialmente não correspondendo ao que se esperava nos sequezas das diferentes escolas extremas e mesmo a grande massa popular. Por isso a França está longe da estabilidade constitucional, por que ha um seculo aneia. Os ultimos trinta annos do seculo que findou, que tantos são tambem os que contam as actuaes instituições republicanas, foram assignalados por constantes conspirações contra a forma de governo, umas vezes abertas e declaradas, outras encobertas e hypocritas, e sempre persistentes e tenazes. Foi o golpe d'estado de Mac-Mahon; foram as tentativas abortadas dos diferentes ministerios da direita; foi o 'boulangismo' que por pouco não conseguiu a victoria; e é o actual 'nacionalismo' nova incarnação do espirito de revolta contra a republica. E paralelamente a estas conspirações politicas vêm ainda agravar a situação as complicações religiosas e sociais promovidas pela direita, como a triste questão Dreyfus; e as complicações socialistas promovidas pela esquerda, como as difficuldades de certos serviços, que sempre se tem sempre preocupado ali a attenção dos governos. Juntam-se a este estado de coisas nada tranquilizador, alguns symptomas graves na situação economico-social do país, como a diminuição da população; a diminuição das exportações; o enfraquecimento cada vez maior da industria, batida em todos os mercados pela concorrência estrangeira, principalmente allemã; a ameaça cada vez mais eminente de uma provavel bancarotta no orçamento do estado, tendo sido fidejuciarado pelas despesas sempre em augmento dos encargos militares; e vêr-se-ha até que ponto é inquietador o futuro da França, e como são fundadas as apprehensões dos que preveem o approximar-se da medonha catastrophe.

Tambem o seculo, que findou, deixa a Italia em condições bem precarias. N'esta nação, porém, os motivos da crise que a affligiu, são mais directamente da responsabilidade dos governos chamados ao poder pelo fallecido Humberto, se é que grande parte d'esta responsabilidade não recae sobre o proprio filho de Victor Manuel, cuja acção prejudicial sobre a politica externa italiana é por demais conhecida. Com effeito as difficuldades em que a Italia actualmente se debate são sobretudo financeiras e economicas; e não ha ninguém que ignore, que semelhante estado de cousas é a immediata consequencia da entrada da Italia na Triplice alliança, com todos os encargos que semelhante posição comporta. A Italia, que sob o reinado de Humberto se preparava para a guerra com a Sicilia, é um país pobre. Dil-o de sobejo a aridez de certas zonas do seu territorio; o atraso da sua agricultura, n'alguns pontos pouco mais do que primitiva; o pequeno desenvolvimento da sua industria; e mais do que tudo o movimento sempre crescente da sua emigração, que litteralmente despojava communas inteiras. Como pôde, n'estas circumstancias, a nação supportar os encargos esmagadores, que são o reverso da medalha da megalo-mania, tão acciada ao Quirinal.

A ambição de querer fazer figurar a Italia no conselho das grandes potencias foi a causa de todas as difficuldades presentes. E o principal instigador d'esta politica anti-italiana foi o rei Humberto, que no pouco escrupuloso Crispi encontrou o seu melhor collaborador. Debalde alguns espiritos mais reflectidos e previdentes quiseram inaugurar politica opposta, melhor de accordo com os interesses da nação. A opposição da corôa inutilizou-lhes sempre os esforços patrioticos. Por isso a Italia vê as suas finanças arruinadas; a sua administração desorganizada; e de vez em quando tem de fazer face a revoltas ou antes a revoluções, como a da Sicilia ha alguns annos e a de Milão em 1898, que lhe deixam o solo juncado de ruínas e o coração do povo repleto de odios. E' esta a situação da Italia ao entrar no seculo xx. Pôde dizer-se que a grande obra da emancipação, realisaada apenas ha duas gerações, já se acha irremediavelmente comprometida; e o peor é que o novo reinado de Victor Manoel III, em vez de emendar os erros que lhe foram legados, parece antes querer aggravar-os com um programma de megalo-mania ainda mais pomposo.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Os Novos Pares do Reino



CONS. PEREIRA E CUNHA
Antigo deputado. — Governador civil do Porto



CONS. JOSÉ D'ALVEIDES CASTELLO BRANCO
Antigo deputado. — Governador civil de Lisboa



POLYCARPO PEÇQUET FERREIRA DOS ANJOS
Antigo deputado — Negociante



CONS. JÚLIO DA SILVEIRA VIANNA
Vogal da Junta de Crédito Público



CONDE DE FIGUEIRÓ
Veador de S. M. a Rainha D. Amélia



SEBASTIÃO DANTAS BARACHO
General de brigada — Antigo deputado



FIGUEIREDO MASCARENHAS
Antigo deputado — Coronel de Artilharia



CONS. MORAES SARMENTO
Ministro de Estado Honorario — General de Brigada



CONS. MIGUEL DANTAS
Antigo deputado — Proprietario



AVELLAR MACHADO
Antigo deputado — Coronel de Engenharia



CONDE DE ARNSDO
Capitão de Engenharia — Secretario particular
de S. M. El-Rei



CONDE DE VALENÇA
Lente da Universidade de Coimbra — Antigo deputado



DR. WENCESLAU DE LIMA
Antigo deputado — Presidente da Camara
Municipal do Porto



CONS. JACINTHO CANDIDO
Antigo deputado — Ministro de Estado
Honorario



CONS. FERREIRA D'ALMEIDA
Capitão de Mar e Guerra — Ministro de Estado
Honorario — Antigo deputado



CONS. TEIXEIRA DE SOUSA
Antigo deputado — Ministro da Marinha e do Ultramar



MONSENHOR SANTOS VIEGAS
Antigo presidente da Camara dos Deputados

Historia do batel Vae com Deus

e da sua companhia



Sendo Portugal um paiz de costa, terra que o oceano embala, raras são na nossa litteratura as obras que tratam do mar e dos seus homens, os pescadores. Porquê? Em primeiro lugar o decôr é formidável — mas monótono; depois os homens são, é certo, cheios de poesia — mas humildes. A vida dos pobres, rude, obscura, dol'ro a, é como a vida da terra que calcamos, grande, ignorada, simples e sem gritos. Não ha gestos, nem largas dôres romanticas a explorar: é um veio de emoção profunda — uma torrente de lagrimas.

E que cenário este, o Mar! Duns côres, tres linhas simples e sobrias, e no entanto que gra-deza! A certas horas como que é de pó verde, infinito, vago, como um ethereo sombo todo verde; a outras — pontos de verão — dil-o-hies de oiro liquido referendo...

Desde pequeno que o conheço; muitos dos meus morreram, para sempre tragados pelo mar salgado; longe, por mais longe que eu esteja, ouço a voz rouca, com que de inverno prega, clama, esvdrçado, bramindo coleras, ou o ruído com que de verão embala, banzairo e azul, a pen'dia da costa. Só por isso tento hoje para os leitores do *Brasil-Portugal* narrar, n'uma serie de pequenos quadros, formando cada um um continho, mas ligados por um fio de drama — a rude vida dos pescadores, os seus trabalhos e a sua morte.

Que estes documentos possam servir para alguém mais tarde fazer a obra formidável que o assumpto merece, é a minha unica pretensão.

Partida para o Mar

— Cá p'ra baixo p'ra o mar!

Alta noite, duas da madrugada, o moço vae clamando pelas portas dos pescadores da companhia. Tonto de sono, tropeça nas vielas pedregosas, bate com um seixo nas portadas. Depois junta as mãos e buzina:

— O' sê Manuel, cá p'ra baixo p'ra o mar!

E a sua voz ecoa, lugubre na noite funda, na treva espessa, mas que se sente cheia de vida — respiração salgada e humida, vinda do mar largo, do oceano presentido ali ao pé pelo mugir das ondas quebrando na penedia. Dentro dos casebres respondem, praguejam. Mas é o páo a ganhar, o sustento dos filhos... Elle de pé acama a rede; ella cuida-lhe do cesto, vê que lhe não falte a horôa e o conducto. Mais longe se ouve o moço gritando:

— O' sê Antonio, cá p'ra baixo p'ra o mar!

E' como uma voz chamando para os trabalhos e o perigo. O pescador abre o postigo da loca, vê o céu, o vento. Quasi sempre nas madrugadas de verão é lestada rija, que os vae levar sem censeiras até ao mar do peixe. Constellações britham altas — o sete estrelle e outras. Segurando d'uma banda da canstra, diz para a mulher:

— Ala!

E lá descem as vielas, batendo com os sócos nos burgos por polir, rugosos e duros.

Os bateis apenas se adivinham no negrume, como grandes peixes vogando de conserva á tons d'agua. Vão-se enchendo de pescadores. Os homens fincam os remos nas linguetas, empurram, e, um a um, os barcos somem-se: come-os a treva, com um ruído baço, um chape-chape de agua negra. No burgo, alto, apenas a luz do pharolium arqueja.

Ican, a véla, com gritos de — oh ala! oupa! oupa!... Range a escota no

moitão e, lento e lento, o panno sobe, arfa, bate, e enfuna-se por fim solto e cheio.

— Vamos com Deus, diz o arraes.

Segura a canna do leme, destapa á agulha de marear. Os homens da companhia murmuram. E novo o barco, o vento de feição...

— A vêr que tal bolina...

Ha na prôa um ruído de agua cortada, cheia a alcortã, a mar, a redes encascadas... E o batel anda, corre — *Vae com Deus* escripto a grandes letras negras no costado de madeira por alcatroar.

Já um ar diferente bate na cara dos pescadores, um ar salgado e novo, que os cresta e que sabe a infinito e a alga. Vela panda, o barco um pouco adornado, embalados pelo mar, deitam-se os homens sobre os bancos, nas cavernas. Só o arraes ao leme vigia, e ao pé d'elle o moço, pequenino, olha com espanto. E' a primeira vez que vae ao mar largo e tem pouro mais de dez annos... O batel galga as ondas da barra, curva-se, sobe — e em torno na escuridão ha um ruído prego-sam. E' tudo negro como se navegassem n'um oceano polar.



O arraes

Só o arraes e o moço velam a bordo da embarcação. Na noite espessa o marulho das aguas apavora-o. Como que ouve palavras, vozes conhecidas de parentes, de mortos. Oceano tens-lhe levado tudo — o pae, os avôs, arrastados n'uma volta de mar, n'um dia de rude inverno!... Nas aguas salgadas vogam em detricios os que o amaram e que decerto procuram fallar ao moço que vae pela primeira vez ao mar profundo, contar-lhe a historia de cada naufrago. E' um côro de vozes em torno do batel, de vozes clamando a mesma tragica narração. A alma dos mortos anda envolta nas aguas...

O mochinho encosta-se ao arraes, que cabeceia segurando o leme. Baixo chama:

— O' sê Manuel! o sê Manuel!...

Levanta o outro a cabeça, olha o:

— Que é, rapaz?

Comprende elle tambem o ruído? Adivinha o? Quando moço ouviu decerto as mesmas palavras, possuido de identico pavor.

— Não tenhas medo.

Pousa-lhe na cabeça a mão callosa



O batel

e enorme, e o pequeno, sentindo-se protegido, adormece por fim caçostado ao arraes, a balbuciar:

— Sê Manuel... O' sê Manuel...

Primeira mancha de claridade na treva. Nodosa lactea, vaga como o olhar d'um cego e que dir-se hia um farrapo a fluctuar, suspenso. Ar vivo, ar forte, que corta e obriga a encher os pulmões. A claridade alastra-se, nevoenta, esparalhada, e o horizonte como que se entrebrea...

Madrugada. A nevoa esfarrapada foge em rebanhos, à tona d'agua, phantasmas que voltam apressados para a noite, aos bandos. Na frescura da manhãzinha as toninhas saltam, e o moço abre os grandes olhos claros n'um espanto. O dorso negro dos peixes surge mesmo ao pé do barco: mergulham, lá apparecem mais longe, enormes. E' como um mar nunca navegado, cheio d'uma vida prodigiosa... Oh! o mar parece ethereo, à primeira luz matutina, ainda todo de poalha verde, immaterial quasi, cheio de flocos de nevoa esquelida! Já ha tintas d'ouro no céu. Algas enormes fluctuam como rédes, navegando com uma rota desconhecida.

O moço scisma, olha... E enquanto a prôa do barco entra no nevoeiro que torna o mar fluido, oceano de sonho, um a um vai encarrando os homens da companhia. Conhece-os a todos desde muito pequenino. Alguns são mesmo seus parentes.

O arraes, o Manuel Pereira, tem ja brancos na grande barba ruiva. Com os braços musculosos segura a canna do leme e o seu olhar azul destaca na pelle côr de barro quemado.

O sota ao lado dorme deitado n'um banco. E' ainda seu parente. De todos é o mais alegre e o mais rijo, affeito as canseiras e aos perigos. Não tem quarenta annos e, mesmo dormindo, a sua bocca fresca e innocente parece rir.

São ao todo quinze homens, alguns ainda de barba por apontar, ruivos, fortes, cheios da força e da belleza que lhes vem do convívio com o mar. Nenhum sabe ler, ignorantes e simples. Nada conhecem senão o oceano. Nasceram para se baterem com o mar, para se sustentarem do mar, que os alimenta e a um o mesmo os vai tragando. Em terra existe para elles o abbade que os baptisa e os casa, a igreja onde resam Aquelle que tudo manda e que sabe a hora a que têm de morrer: o destino de cada um já está riscado. No mar possuem o barco e as rédes, sua riqueza, e em terra a toca onde dormem com a mulher. E' uma gente aparte e que tem esta patria — o Atlantico.

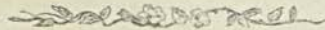
Manhã clara já. Da neblina ficaram apenas flocos e o mar, verde a principio, azul-a-se, com pequeninas ondas que veem aos rolos n'um movimento continuo e certo, levantar o batel. Em frente, à prôa, surge infinito, monstruoso, e a ré a terra apparece enfim, batida de luz. Vão-se destacando os cabelellos, a linha verde negra dos pinheiros, a areia côr d'oca. O azul do oceano franja-se de branco e muito alto, em revoadas, as grazinas palpitam n'um céu sem nuvens. Longe mais brancos, mais velas, lanchões ranceiros, pequenos batéis da sardinha, tripulados por seis homens, catraias, todo o mar povoado, rasgado de quilhas, explorado por homens que d'elle arrancam a propria vida. Manso e muito longe apenas quebra na penedia da barra, estendendo-se pelos arraes como um véo de seda a fluctuar.

A cortina da nevoa de todo se descerre e a costa apparece — cabelellos, povoações ensolhadas, montes e areias. Uma claridade tremeluz — e Espinho; e, como o batel vai vogando, vão nascendo as terras, baixas, pousadas como nuvens, ermidas brancas no areal de fogo, penedos acastellados e negros, e depois a Povoia, clara e miudinha.

Por fim é só o mar, o grande oceano giganteo. Já os homens se levantam dos bancos e arranjam as rédes. Em volta a mesma agua azul, mansa e cheia de sol rebrilha n'um marulhar perpetuo; um ou outro peixe salta e, longe, como aves emigradoras, véias aos bandos, vão fugindo...

— Trinta braças! — diz o arraes erguendo-se. -- E' o mar do peixe.

RAUL BRANDÃO.



RONDA DA ALMA

Uma sombra, uma luz que me revela
Que existe outra alma que me acanha amigã!
Basta o soluço, um al de uma rualga,
Que saiba o meu amor que é filha d'out'este...

Porque amoroso, então, amo quem véo
Minha alma, cujo amor tanto a castiga,
Que nem o coração já se afadiga,
Do seu bater que lhe arrosta a pelle!

Hei-de ver se Ella vem à hora dada,
A's Matias, que eu calmo aguardo;
E o pôr do sol parece uma alvorada!

Amarrado, laivaz, como no velhinho,
A's esquadras da vida aspirado,
Como uma cruz à beira dos caminhos!

ARRAUS GAY.

O maestro Verdi



DESAPARECEU a figura primacial da Italia artistica de hoje. Morreu com 88 annos Verdi, o incomparavel maestro que na sua longa carreira, sempre brilhante, conseguiu acompanhar as evoluções da arte, e em todas as suas maneiras musicaes, imprimiu caracter á sua obra.

Do *Rigoletto* e da *Traviata*, não escapando o *Trovador*, até ao *Othello* e ao *Falstaff*, é uma serie ininterrupta de triumphos.

As primeiras operas marcam a aurora do romanticismo, as duas ultimas são a confirmação da nova escola, no que ella tem de sentido e de humano. O *Othello* é a sua obra prima. Nessa partitura reviu toda a monumental tragedia de Shakspeare, e os sentimentos tão variados que sacodem os diferentes personagens, traduzem-se na musica com uma verdade que encanta e deslumbra. A perfiada de Yago, o indomavel ciúme do protagonista, a dôr resignada e o receio temerario da pobre Desdemona, palpítam humanos, aavez esses trechos incomparaveis que vão desde o recitativo do 3.º acto até à Ave Maria do ultimo, e a entrada final de Othello no quarto de Desdemona. Que imponencia de orchestração, a d'esta, e que suavissima oração aquella! Ouvindo as sentimo-nos sacudidos por um calafrio de espanto e cousa curiosa, a confirmar o grande valor da inspiração de Verdi, leigos e entendidos todos se unem na mesma admiração e no mesmo sentir. Está sobretudo n'isto o grande merito de Verdi, que nunca usou logar á parte entre todos os grandes artistas da musica.

A *donna è mobile* é uma canção de bohemio, cheia de verdade, de um rythmo adoravel e humano. A *Ave Maria* é uma prece sobre-humana, cheia a um tempo de uncção religiosa e de sentimento profano. Estes dois trechos imprimem caracter especial a toda a obra de Verdi, são como que os dois pontos culminantes, onde converge toda a inspiração e todo o talento, do grande musico.

Verdi deixa uma avultada fortuna, calculada em mil contos, metade dos quaes reverte para a *Casa de repouso*, que tem o seu nome e que alberga artistas pobres.

Brihante remate que corôa a sua vida artistica.



Cartas a uma Prima

I

28 — Janeiro.

Minha querida prima:

Notícias fresquinhos, fresquinhos... só se li'a der do verídico do crime militar que julgou o dr. Pinto Coelho. Lembra-se, com certeza, do enredo das fitinhas de uma obra de ficção, de novela ou de folhetim, típicos de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr. Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr. Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Para alguns, foi pouco; para outros, muito. Em coisas d'honra ha paladares para tudo... para o insipiente e para o inteligente. Desde o senão até a morte de revêlvor e a morte trágica d'um moço de boa família. Pois tudo isso ha dias acabou, pacatamente, com a pena de dez meses de prisão applicados ao dr.

Nota curiosa. Na noite seguinte ao crime a Duse representava em Lisboa a *Fedora*. Toda a noite ovava a peça com a impressão de quem assistia ao crime da Mãe d'Água...

Um jornal de noite, inflandoso-se e trouxe á supranão dos artigos d'escacha sobre moralidade da gente portuguesa. Em ambos se generaliza: n'um, aprava-se que os senos papares estivessem caindo todos n'uma erotomania as...

Ora, para além de não todos, ainda não é assim... Era sem sel, que ha rapazes d'esse fello, cnyanos e sensuales, viciosos e egoistas logo do despír dos ceus. Ainda me lembro da prima m'os fazer notar na sua ultima estada em Portugal...

Este degenerado, — e não lhe dou aqui o valor scientifico da palavra —, apparece na sociedade carente do modo novo d'interpretação social, com noções...

Mas o lado d'este degenerado social, o que começou por decarrillar da physiologia e vem a decarrillar tambem da moral das naturas, quasi sempre por tendencias impulsivas. E creatura muito diferente da outra. Incapaz de crear, é tambem incapaz de submeter-se ao que quer que seja. É um tipo que...

Está ali, está como o vitriolo no frasco... inofensivo. Mas chega um dia, o frasco parte-se; e o degenerado faz suas coisas. Quem sabe como elle chegou á...

Pois o ego foi a victima innocente de todo este crime. Retiraram-lhe as escolas, fecharam-lhe as portas, e moeram-lhe a reputação. Deu-se com elle o que se dá, de vez, em tempos; um rido que vem cair n'um sitio fulminante...

Costunava o ego, todas as tardes ao lucco-fuceo, vir á loja de certo carvoeiro da Alegria comprar petreolo. O homenzinho das bólas, que sobre ser estúpido era philosopho, arrelviava... Como philosopho, insistia: — Para que quer elle o petreolo? Para beber?... Para o ego? Não, que os cães não gostam... Para que quer elle o petreolo?!

No meio d'estas loucurações, um dia, como estúpido, encontrou o — Não podia ser outra coisa! O ego via! Tal e qual o ego, via e comprava o petreolo para ler, em casa, a marial! E desde então começou a roubar-lhe no meio litro; enchia mal a medida e dizia li comigo: — Tu vê, tu vê... Mas se rellas, deito-te a caixa em terra e espalho que é do ego como es...

— Era para almanir os pomboinhos! — conta elle, esfregando as mãos de medo do meio litro de petreolo.

Foi unica compensação que o ego arrançou para a sua desgraça. Por um triz, que o carvoeiro não disse a toda a gente que elle via... Dos amigos que teve, — eram tantos! — só um se lhe conserva fiel.

É o ego a moralidade do conto, que a minha querida prima comentarão com o seu sensillatente espirito, se teve paciencia para me aturar até ao final da carta.

Beija-lhe as mãos respectivamente, em seu primo e amigo

MANOEL PINTADO.





THE ATROS



D. Amélia
e Príncipe Real

«A Severa» e a «Rosa engeitada»

Lá para o futuro, qualquer investigador curioso ha-de tratar de aprofundar a razão porque n'um dado momento os poetas de mais fina indole, de sentimento mais delicado e vibratil, escolhem de preferencia assumptos escabrosos, sociedades de fadistas e rameiras, scenas passadas em tabernas e bordeis, para as reproduzirem no palco scenico, sem omitirem termos ou phrases do

calão local, sem se pouparem os indispensaveis desbragamentos de linguagem, contentes e victoriosos, em somma, de n'estas exhibições do estercero social, triumpharem do proprio temperamento poetico, do lyrismo subjectivo, dos requintes e primores que são apanagem dos espiritos delicados e cultos.

Esse futuro investigador de velharias litterarias, não achando decerto explicação que lhe satisfizesse a curiosidade, procurará averiguar se foi a solução de um problema social que se impoz á observação e ao estudo d'esses artistas da ideia sentida e da palavra burilada, se foi um fim util, a exposição de um correctivo moral, a necessidade de um exemplo suggestivo que os chamou para esse campo, que lhes desvirtuou a indole poetica e lhes quebrou a fidalga linha artistica. E, como nenhuma resposta o satisfará, não deixará de chegar á conclusão de que nada mais verdadeiro que o inverosimil, nada mais humano que o anormal, nada mais natural que o excentrico.

Foi a affirmação d'este exquisito paradoxo que, no mesmo momento historico do theatro portuguez, os srs. D. João da Camara e Julio Dantas pretenderam radicar e estabelecer com as suas recentes obras dramaticas. A differença e apenas de epochas. Um, o segundo, veio buscar ao final da primeira metade do seculo findo as suas personagens, a acção da sua peça, o theatro, em que ella se passa. O primeiro estuda a Mouraria de hoje, e os que não sejam frequentadores d'esse bairro historico da crapulagem e da fadistaria, facilmente reconhecem que se a morte levou os protagonistas de tantos dramas e de tantas faryas, em que a navalha, a estroinice e o deboche tem o principal papel, são dignos d'elles os que lhes succederam e os continuam. Pode ser que haja alguma differença entre a qualidade social de muitas d'essas figuras. E' possivel que se não adornem com titulos nobiliarchicos, com velhos brazões, os heróicos da

Mouraria de hoje, que são arrancados á mais baixa camada da vadiagem. Não sabemos de herdeiros e representantes da mais alta nobreza do reino, que hoje timbrem em acompanhar e tratar de tu os cocheiros, alquiladores e fadistas da Mouraria. Ha sessenta annos para cá a civilização tem feito as suas conquistas, e os rebentos dos velhos fidalgos, que se sentem com vocação para a vida regalada, preferem ás desbragadas Severas de sangue cigano companheiras de outro colthurno, e não em bordeis nem em cocheiras, mas em aposentos confortaveis, em gabinetes perfumados e tepidos, que aspiram e desfolham a perturbante flor do prazer.

De resto, a mulher da Mouraria, a que tantas vezes tem pago com a vida não sabemos se o amor natural ou perverso com que se entrega ao *souteneur* que a explora, esse miseravel e baixo typo da sociedade lisboeta, esse é o mesmo, atravez dos annos não perdeu nenhuma das suas qualidades de bohemia barata e suja, de miseria, de desbragamento, e de descaro. E os dois poetas que o acaso reuniu no mesmo assumpto e na mesma observação, parece haverem se combinado para mostrar que n'esse producto da escoria social pode haver as qualidades superiores da nossa raça, que n'esses corpos de lama podem pulsar corações de ouro, e que podem ser apanagem de mulheres perdidas o amor na forma expressiva da abnegação, a energia, o altruismo, a força de vontade. Mas, para dar esta novidade não valia a pena roubar o talento e a observação a tantos assumptos palpitanes, a tantos problemas sociais, a tão altas manifestações de arte, como aquellas em que D. João da Camara e Julio Dantas teem experimentado as facultades, que os publicos sempre teem estimulado pelo louvor e pelo applauso. O abbade Prevost, na obra inicial, na sua figura de grande peccadora, Hugo, na *Marion, Dumas*, na *Margarida Gauthier*, não fizeram senão mostrar-nos como em bocados de lama podem estar engastadas perolas preciosas. E menos ainda vale a pena exhibir um meio, que haveria toda a vantagem de occultar visto não ser possivel externalis-lo, se ao vel-o reproduzir na scena, se não reconhece outro objectivo que não seja a exhibição de uma miseria social.

Em mais util, bem mais alta applicação devem ter o masculino talento, a pura arte, dos auctores da *Severa* e da *Rosa Engeitada*.

JAYME VICTOR.

A TAÇA

Vi uma velha taça cinzelada,
enorme, de phantastico lavôr
nos espaços azues dependurada;

continha o pranto, as lagrimas de dôr,
choradas entre as longas agonias
pelos tristes que vivem sem amor;

ouvi, depois, nas dôces melodias
que me trazia o turbilhão que passa
ss palavras d'amor que me dizias...

«Era a ventura então... hoje a Desgraça!
«ô meu perdido amor, tão puro e santo...
«E vi ao longe transbordar a taça
com a ultima boga do meu pranto!

A minha taça

Offertei-te essa taça cinzelada,
de grande apreço pelo seu lavôr,
e venho achal a aqui dependurada

n'um pãu junto ao fogão! Causa-me dôr
ao vêr assim, talvez entre agonias,
um mimo a que eu sagrava tanto amor!

Com essa voz, que torna em melodias
a expressão toda que por ella passa,
porque tão bem da offerta me dizias?

E condemnal-a assim a atroz Desgraça!
presente dado por affecto santo!
Está já negra, embora! dá-me a taça,
que hei de limpar-lhe as manchas co'o meu pranto!

M.

Moçambique.

CAMPOS OLIVEIRA

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora
 Largo do Condé Barbo, 50
 Paginas supplementares: Off.º Escrevão Nunes & F.º
 Rua d' Assumpção, 18 & 24
 Romance: Typographia Castanheteira
 Colçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castilho, Jayma Victor, Lorjé Tavares
 Editor
 Luis Antonio Sanches
 Redacção e administração — Rua do Carmo, n.º 15, 1.º
 LISBOA
 Endereço telegraphico — BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	30000	Anno.....	58000	78000
6 mezes.....	28000	6 mezes.....	28000	38000
3 mezes.....	18000	3 mezes.....	18500	28000
Numero avulso.....	28000	Numero avulso.....	8500	8500

SUMMARYO

A rainha Victoria — EMEGIDIO NAVARRO.
 As ruas de Lisboa no tempo de D. João V — PINTO DE CARVALHO.
 Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
 Historia do hotel «Vae com Deus» e da sua companhia — A partida — RAUL BRANCO.
 Ronda da alma — Versos de AFFONSO GAYO.
 O maestro Verdi.
 Cartas a uma prima — MANUEL PENTEADO.
 Theatras — A Severa e a Rosa Enguitada — JAYME VICTOR.
 A taça — Versos de M.
 A minha taça — Versos de CAMPOS OLIVEIRA.

Paginas supplementares

Brasil-Portugal.
 Os n.ºs 50 e 51.
 Indico.
 Os nossos collaboradores.
 Os novos pares do reino.
 Novo romance — O Cego.
 Rainha Victoria.
 O nosso jornal.
 Um corvo e um papagaio.
 Almas do outro mundo (Conto mudo).
 Modas.
 Explicação.
 Carnaval.
 Estatuarria.
 Anedoctas.
 Cartaz da Quinzena.

Illustrações de texto, capa e chromo — 47

OS Nossos CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agencia Central dos Satudos do Sul, Coronel Theonilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua das Alfândegas, 4, sobrado.
 PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
 PARÁ — J. B. dos Santos e O.º — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 50.
 MANAOS — A. Fochadella — Casa Andersen & C.º — Praca Temandari.
 MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.º
 CEARÁ — Balloes Torres & C.º
 BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 25
 BELTAS — Carlos Pinto & O.º (Livraria Americana).
 PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Homem, Thesoureiro geral da Provincia.
 MOGAMBEQUE — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorna.
 MOSSAMEDES — José Karis Pereira, escrivão e tabelião.
 QUELIMANE — Henrique Lima.
 HENGUELLA (Egypto) — Matheus & Tavares.

No Continente

PORTO — (Agente geral no Porto e no norte) Antonio Couto Fernandes, Rua do Almada, 451, 1.º
 EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luita Freira Corroia, director da Fabricação dos tabacos.
 BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA — Gama, Amaraí & Com.º
 COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 12.º
 CAST. LEO BRANCO — Pedro Augusto Passoa.
 ABRANTES — Antonio Augusto Saigueliro.
 ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
 A COBAÇA — José Narciso da Costa.
 PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.
 LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques da Oliveira.
 VIANNA DO CARDEILLO — J. B. Domingues.
 COVILHÃO — José Pereira Cabral.
 TAVIÇA — José Maria dos Santos.
 FARO — Maya & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier do Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

BRASIL-PORTUGAL

Reducção no preço da assignatura e na venda avulso

O favor com que o publico dos dois paizes tem acolhido a Revista **Brasil-Portugal** permite á empresa, ao começar o 3.º anno da sua existencia, **reduzir consideravelmente o preço da assignatura da publicação, tanto em Portugal, como nas colonias portuguezas e nos Estados do Brasil.**

Da maneira porque ella tem procedido até hoje dão testemunho os milhares de leitores d'esta Revista, que teem numero a numero verificado os esforços empregados para a collocar ao lado das melhores Revistas europeias.

No 2.º anno, que hontem findou, foram publicadas cerca de mil gravuras, isto é, excedeu-se em muito o programma inicial, nenhum grande acontecimento brasileiro, portuguez ou internacional, deixou de figurar n'estas paginas, distribuíram-se chromos a côtes **hors texte**, e conseguiu-se que nomes dos mais illustres nas letras viessem abrilhantar estas columnas.

Além de outras valiosas aquisições feitas pela empresa e que mais realce vêm dar á publicação, além de melhoramentos que vão ser introduzidos, esforçar-se-ha tambem por cumprir a promessa já feita de dedicar ás suas muito gentis leitoras um espaço na Revista consagrado ás **últimas modas**, e de que dará apropriados e elegantes **chromos** tambem **hors texte**.

Vae apparecer, do n.º 50 em diante, nas paginas supplementares, uma **SECÇÃO DESTINADA A NOTICIAS** que interesses os portuguezes no Brasil e os que nas colonias portuguezas tanto hoje contribuem para o engrandecimento da metropole.

E apesar das enormes despesas a que obriga uma publicação d'esta ordem, tem sido tão feoundo e vasto o favor publico que, de hoje em diante, fica reduzida consideravelmente a assignatura do **Brasil-Portugal**.

A assignatura em Portugal já o anno passado soffreu uma importante redução. Pois vae ser ainda reduzida por forma que todos possam adquirir por um preço relativamente barato esta publicação. Poderão verificar, em summa os seus leitores, que a Revista **Brasil-Portugal**, pelos novos preços da tabella seguinte, são ma

Proveem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

baratos que as suas similares estrangeiras.

Para o Brasil também é muito considerável a redução que vai fazer-se na assignatura, indicada pela alta dos cambios, e em harmonia com as diminuições feitas, em Portugal, no 2.º e no 3.º anno.

O successivo augmento de assignatura nos diversos Estados da Republica Brasileira aconselhou esta medida, que, com muito prazer, hoje se annuncia a tantos que lá se tem interessado pelo desenvolvimento e prosperidade da

EMPRESA.

NOVA TABELLA DE ASSIGNATURAS

Estados Unidos do Brazil

Anno..... {Moeda brasileira..} 36,8000
Numero avulso..... } 2,5000

Portugal

Anno..... 5,4400
6 mezes..... 2,8900
3 mezes..... 1,8500
Numero avulso..... 8300

Ilhas, Africa e Estrangeiro

Anno..... 7,8400
6 mezes..... 4,5000
Numero avulso..... 8400

Para se poder apreciar a importante redução que fazemos nos preços e que começa a vigorar n'este 3.º anno, com o n.º 49 de 1 de fevereiro, publicamos a seguir a

TABELLA ANTIGA

Estados Unidos do Brazil

Anno..... {Moeda brasileira..} 45,8000
Numero avulso..... } 2,8500

Portugal

Anno..... 6,5000
6 mezes..... 3,5000
3 mezes..... 2,4000
Numero avulso..... 8350

Ilhas, Africa e Estrangeiro

Anno..... 8,6000
6 mezes..... 4,5000
Numero avulso..... 8500

OS N.ºs 50 E 51

A abundancia de materia urgente para este numero de hoje, força-nos a adiar para o proximo numero do dia 16 de fevereiro a publicação dos versos que Antonio Feijó, o notavel poeta das *Ilhas dos Amores*, teve a gentileza de escrever expressamente para esta Revista e que apparecerão illustrados.

Para o n.º 51, de 1 de março, adiamos tambem a curiosa resenha do *Matadouro de Lisboa*, que acompanha os varios *croquis*, colhidos em flagrante pela photographia, dos varios aspectos e interiores do edificio, scenas da matança de gado, incluindo a morte do boi peço sacerdote israelita, etc.

INDICE

Com o presente numero receberão os assignantes do *Brasil-Portugal* o *indice* dos numeros do 2.º anno da nossa Revista, que vão desde o n.º 25 até o n.º 44.

OS NOSSOS COLLABORADORES

Honram já as paginas do *Brasil-Portugal*, n'este numero, os nomes de dois novos collaboradores, dois dos mais talentosos escriptores modernos, Raul Brandão e dr. Manuel Penteado. Raul Brandão firma o primeiro da serie de contos e artigos que, sob a epigrapha — *Historia do hotel e Vae com Deus e da sua companhia*, constituirão interessantissimos *croquis* de scenas do mar, apanhadas em flagrante. Acompanham os varias illustrações.

O nome de Manuel Penteado encontra-se na primeira das suas chronicas, ligeiras e brilhantes como o seu espirito: *Cartas a uma prima*.

OS NOVOS PARES DO REINO

N'este numero damos os retratos de 17 dos Pares do Reino ultimamente nomeados.

Faltam os dos srs. conselheiros Campos Henriques, Pedro Victor da Costa Sequeira e Baimé de Bastos, que sahirão no n.º 51.

NOVO ROMANCE

O CEGO

Começa hoje o *Brasil-Portugal* a publicação d'este notabilissimo romance de Perez Galdós, livreiro do director d'esta Revista, Lorjô Tavares.

RAINHA VICTORIA

No n.º 50, o *Brasil-Portugal* dará ainda varias gravuras allusivas á morte da rainha Victoria e á subida ao throno de Eduardo VII, de Inglaterra.

O NOSSO JORNAL

No proximo numero de 16 de Fevereiro o *Brasil-Portugal* apresentará uma innovação aos seus assignantes, especialmente dedicada aos que estão em Africa e no Brasil.

O *Nosso jornal* informal-os-ha sobre todos os acontecimentos que durante a quinzena se tiverem dado em Portugal. Será como que uma rapida revista de todos os assumptos politicos, mandanos, commerciaes, financeiros e theatraes, de fórma a pôr os assignantes do *Brasil-Portugal* ao facto de todas as noticias que os possam interessar.

Assim, os leitores do *Brasil-Portugal* ficarão conhecendo pela gravura e pelo artigo todos os successos mais notaveis de Portugal, ilhas e colonias.

UM CORVO E UM PAPAGAIO

Isto passou-se no tempo dos animaes fallantes:

Um velho corvo, tendo de idade perto d'um seculo, n'um dia de muita chuva e vento, veiu, já sem forças, posar na beira d'um telhado. Este valente da amplidão dos ares, tinha perdido toda a arrogancia do seu porte; encolhição e a tremor não se podia já ter nas pernas. A extremidade amarellada das suas penas, outra t'ra negra, mostrava que padecia de velhice e de fume. Ao habitante eterno dos penhascos sombrios, ao moedejador das tempestades que assistiam os homens, coube-lhe o vis de o ultimo suspiro da sua longa vida, perto do comedoiro lafo e fuxucoso de um vulgarissimo papagaio real. Este de papo cheio, e aquecido pelo ar tepido da cozinha, ao sentir a queda do corpo enfraquecido do corvo, perguntou d'um modo gracejador:

—Que é lá? Quem passa?
Uma voz quasi soluçante, conservando a meiguice d'um peito corajoso, e o vigor do suspiro d'um general, moribundo nos campos da batalha, respondeu:

—Gente de paz, amigo. Descanço um momento.

—Olla um corvo, gritou o papagaio cheio de medo. Aqui d'el-rei que me come! Antonio, acode.

Mas o corvo, com uma voz tranquilla e cheia de bondade, serenou-o:

—Não te assustes. Não tenhas a meu respeito a opinião do povo, que é errada. Sou meigo e inofez. Tive filhos, casa, uma companheira de muitos annos e tudo isto me roubaram os homens. Durante a minha vida d'um seculo, tenho visto mais barbaridades praticadas pelos corações piedosos, do que todas as que attribuem á minha raça maldita.

O papagaio, ainda receoso, mas cheio de curiosidade perguntou:

—Então não és feroz e cruel como dizem?

—Não. Tenho affectos; no alto dos meus queridos rochedos, muita vez escutei com prazer o canto dos passaros nossos irmãos e a alguns quiz imitar. Amigos meus e meus irmãos vieram entre homens, tornaram-se familiares, chegado a comprehender a linguagem que se falla. Eu sempre gostei do ar forte e da liberdade das montanhas. Hoje enfraquecido e cheio de fome, fui arrumado para este telhado, pelo vento que toda a vida escarnei. Ha muitos dias que não como, não me alguma cousa d'isso que ahi tens?

—Não posso responder-te, o espirito.—O meu arroz mal chega p'ra mim... Tu também o não comias. Do que mais gostas, segundo dizem, é de carne podre.

—Que remedio tenho eu, á falta de melhor? É o unico alimento dos infelizes que vivem nas solidões. Comemos tudo... a fome é negra. O teu arroz cheira tão bom... De-me um bocadinho. Potacos minutos, não me restam de vida. Deixa-me a pouco aproveitar da tua comida, isso que tu deitas fóra e desprezas.

E fez um esforço para voar; mas não podia. No entretanto esse mesmo movimento d'azas atemorizoso o papagaio, que bradou:

—Não te chegues, não te chegues! Tu o que desejas é comer o meu arroz e talvez engulir-me a mim mesmo. Nada de brincarideias. Essa tua fraqueza pôde muito bem ser fingida, para me enganares. Não te chegues, senão chamo o Antonio, o meu amigo cosinhohe, que arranja coisinhas boas para o meu papinho, e se elle vem, olla que dá cabo de ti.

O corvo, quasi agoniante, soluçava, tremendo de frio e de fome:

—Não me odies, lá por eu ter m'opinião em toda a gente. No tempo em que éra forte, quantas vezes não cobri com o meu corpo muitos passarinhos, que não podiam resistir á tempestade? Fiz o bem que pude. Soccorre-me hoje, que estou para morrer.

O papagaio, desconfiado e vaidoso, temendo que o rustico habitante dos pincares lhe s'ajasse a plumagem vistosa, ordenou:

—Então deixa-te estar ahí. Vou pedir ao Antonio que te deite um pedaço de carne, da qual não presta. Talvez a não mereças; mas devemos ser curiosos — concluiu espantando-se.

O velho corvo, já sem alvex, agradeceu com ternura na voz:

—Obrigado. Nosso Senhor t' pague.

No telhado, porém, não podia resistir aos impulsos do vento. Confiado, ou talvez contra vontade, deu um vôo do beiral onde estava para o poleiro, desculpando-se:

—Tenho paciencia. Não posso estar ahí. Comei n'este cantinho a esmola que me fazes.

Mas a proximidade d'aquelle corpo, sujo, volumoso, d'aspecto selvagem, assistiu o timido papagaio real, que logo gritou fóra de si:

—Ó Antonio. Traz o pau!...

E esvoaçava sem querer posar. Agarrava-se á corrente, que o prendia ao comedoiro. Tremia de verdadeiro medo, elle audaz e meigo, diante d'este habitante dos rochedos, que estava a dar o ultimo suspiro.

O cosinhohe, ao vêr o corpo impuando e repellente, perto do seu estimado papagaio, exclamou irado:

—Olla o ladrão de um corvo!...

E dando um pontapé no animal desfalecido, atirou-o sobre o lagoado da rua, onde o desgraçado morreu logo. Em seguida, o Antonio com o fim de socegar o seu querido, passava-lhe com brandura a mão na cabeça, dizendo:

—Challa-te loiro, não tenhas medo. Querias fazer mal? Levou a sua conta. Coitadinho do loiro, coitadinho do loiro!

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos.—Cantou-se a *Tosca* pela primeira vez, e a musica de Puccini teve grande exito.

Já houve o primeiro concerto e o segundo annuncia-se para domingo 3.

Chegou já a Lisboa o tenor Garbin, que vem cantar a *Iris*, de Mascagni.

D. Maria.—Esteve fechada umas noites d'esta semana, por ter ido a Coimbra a companhia, que voltou já, dando em ultima representação a *Lucia miúma*. Estão muito adiantados os ensaios da peça de Richepin, *O Caminho*, assim distribuída:

O camelinheiro.....	Ferreira da Silva
Francisco.....	Augusto de Mello
O patrio.....	Carlos Galvão
Tonio.....	Theodoro
Thomas.....	Costa
Martinho.....	Nobre
Antonia.....	Virginia
Catharina.....	Adelina Santos
Maria.....	Maria Cordeiro

A traducção é em verso feita pelo poeta Julio Dantas.

D. Amelia.—Para a festa artistica de Carolina Falco, que deve realisar-se no dia 7, está a ensaios a *Marechala*, cuja distribuicao é a seguinte:

A Marechala.....	Carolina Falco
A Marquiza.....	Maria Pia
Cecilia.....	Maria Falcão
Prunelle.....	Amelia Pereira
O Marquez.....	Setta da Silva
O Marechal.....	Carlos Bayard
O Visconde.....	Henrique Alves
Paulo.....	Luiz Pinto
Bourguignon.....	Alvaro Cabral

Entretanto, seguem-se as recitas do novo original do sr. Julio Dantas *A Severa*, do qual o Brazil *Portugal* dará no proximo numero, um artigo firmado pelo seu brilhante collaborador effectivo o sr. Pinto de Carvalho (*Timop*), que tem estudado muito a epoca em que figurou a protagonista da peça.

A seguir, e nas recitas do Carnaval, representar-se-ha a comedia *Gorahé & C.*, traducção de Eduardo Garrido.

N'este theatro ha bulle de mascarar.

Trindade.—Para beneficio da actriz Lucinda do Carmo ensai-se o *vaudeville* em 3 actos, extrahido da comedia allemã *Inwoissen Rosell*, de Oscar Blumenthal e G. Kadelburg, pelos srs. Freitas Branco e Mello Barreto com o titulo de *Honem d'is Mangas*.

Gymnasio.—Espectaculo variado estas duas semanas com os *Doídos com juizo*, para rir, e *Dama das Carmelitas*, para chorar, salpicadas com varios beneficios, e para as primeiras noites de Fevereiro, annunciam-se um espectáculo extraordinario para a festa annual da gentil *chamuse* Cândia Polonico, e uma *reprise* do *Salta Pochilas* para beneficio do actor Pinheiro.

Seguem os ensaios do original portuguez *O Casamento do Conselheiro*, do sr. Tavares de Mello, o *Principe*, de Halley e Meillac, e o *Piperlin & C.*, em *reprise*.

Avenida.—Encetou já a sua carreira a nova revista de Sousa Bastos, *Talvez te escreva*... digna successora de outras, que a graça do escriptor t. rnou celebre, como o *Tin tin por tin tin*. Palmyra Bastos é a protagonista.

Rua dos Condes.—Eduardo Schwalbach voltou a alegrar o publico d'este theatro com o novo ensaio de outras, que a graça do escriptor *Nicles!* assim distribuída:

Matuto, Flór d'oratoria, Commandador Bernardo, O regulamento.....	Valle
Toda a gente, Flór d'oratoria, Expediente, Casamento, Fortunato, Sol.....	Joaquim d'Almeida
Faustino, Flór d'alma, 7.º pelingrino, Serapião, Pé de milho, 1.º mendigo, Emprezeiro, Barnabé.....	Silva Pereira
1.º caitinha, N.º 12, 5.º mendigo, Theotónio, 3.º traseunte, Arthur, 1.º banana, Flór d'alma, 4.º pelingrino, Jupiter.....	Santos Mello
Talvez t'escreva, 1.º creado, Mellio, Passageiro, Fagundes, N.º 7, Zodiaco e Astronomo.....	Eusebio
N.º 8, Bento, 3.º preto, 10.º pelingrino, Grande heroe, Marte e Marido.....	Chaves
Januario, 9.º pelingrino, Pomologista, 1.º pregador, Fiscal, N.º 1, Incomprehendido, Procopio.....	Holtremam
N.º 10, 4.º preto, 3.º banquina, 1.º jogador, 8.º pelingrino, Estuario.....	Alves
Flór d'alma, 5.º pelingrino, 2.º janota, 3.º pecego, 4.º traseunte, 3.º mendigo, Solitario d'Almada, 3.º caitinha, N.º 2.....	Leal

Antonio, Maneta, 1.º mendigo, Porteiro, 12.º pelingrino, 2.º banana, Chico, Arthur..... Gervasio || 6.º pelingrino, 2.º pregador, 1.º agente, Carlos, N.º 6..... | Wanzeller |
N.º 9, Coxo, Alberto, Atrazado, 1.º traseunte, Bebê, Magro, 1.º garoto, 1.º popular e Roubadão.....	José Rodrigues Barreiros
Maio e 3.º janota.....	Durão
2.º janota e 1.º traseunte.....	Lemos
2.º garoto.....	
Flór da Formosa, Viciosa, Nice, Lolo, 1.º bilharista, 1.º luga, Sapeira, Reclamo, A festa da cidade, Estrella, 1.º caitinha, Lua e 1.º cocotte.....	Maria Gonçalves Beatriz
Flór d'alma, 5.º pelingrino, Compositão, 2.º ginia, Eleuteria, Patroa, N.º 11, Leocadin.....	Virginia
Felisberta, 2.º traseunte, Flór d'alma, Educação, Tarde e Michela.....	Carlota
Ambiciosa, Chica, Simplicia, 3.º caitinha, Virginia.....	Cecilia
Uma senhora, Brigidia, Maria José, Joaquina.....	Elisa Santos
2.º gallego, Flór d'alma, 2.º cocotte, Pera de Santo Antonio, Brites, 2.º caitinha Castór e 2.º cocotte.....	Consuelo
Nicles.....	Maria Emilia
Pollux e Eteyina.....	Leonor
Primavera e 3.º cocotte.....	Romero
Estrella.....	Maria Silva

Principe Real.—A peça de D. João da Camara, *A Rosa Estante*, continúa o seu grande exito. Todas as noites em que se representa, o publico faz uma justa e entusiastica ovação ao actor.

Colyseu dos Recreios.—Entre as novidades que o sr. Santos Junior apresentou esta quinzena, distinguiram-se Monsieur e Madame Barcelona, dois notavos pintores instantaneos, e o celebre elephant liliptiano, o mais pequeno elephant da collecção de Mr. Maximilian.

Dr. Oscar Leal.—Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.º ordem à
RUA DO CARMO, 35, 1.º
(CHIADO)

ANTONIO DO COUTO ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultima^s novidades ←

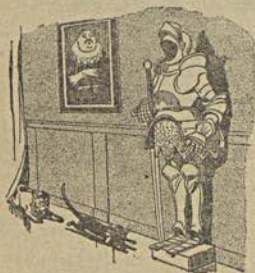
RUA DO ALECRIM 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

ALMAS DO OUTRO MUNDO

(CONTO MUDO)



1.º



2.º



3.º



4.º

MODAS

Esta empresa, que para ser agradável as suas numerosas e gentis leitoras se não poupa a sacrificios de qualquer ordem, resolveu publicar periodicamente uma importantíssima **SECÇÃO DE MODAS**, em que os artigos descriptivos sejam illustrados com figurinos a cores em paginas espaciaes, papel de luxo.

Estamos organisando esta secção da Revista por fórma que não possam exceder-nos nas ultimas **NOVIDADES** todos os grandes jornaes de modas.

EXPLICAÇÃO

No artigo, firmado pelo sr. dr. Luiz de Magalhães, e publicado no n.º 48 d'esta Revista, fomos á ultima hora forçados a pôr o titulo que n'elle se vê, por se haver d'isso esquecido o illustre escriptor.

CARNAVAL

No numero a seguir d'esta Revista, dedicaremos algumas paginas ao Carnaval de Lisboa com um curioso artigo sobre o Entrudo, firmado pelo nosso brilhante collaborador sr. Pinto de Carvalho (Timop).

As illustrações são de Alfredo de Moraes.

—Quando o menino fór homem, o que quer ser?

Elle ingenuamente.—Quero ser aquillo para que me nomearem.

ESTATUARIA

Entro. Larga officina de esculptura.

Vamos, artista!

Que este bloco de marmore a figura Do Christo em cruz revista!

Péga o martello e o escopro e ao l'óco informe

Talha; as arestas hispidas derime:

Que, a cada golpe, a pedra se transforme,

Que, a cada golpe, o marmore se anime!

Talha, desbasta, amolda, quebra, corta! Mais! Inda mais! Que surja, depois d'isto, Da inerxia bruta d'esta pedra morta O corpo anciano e livido do Christo!

Começa pela cruz, faz a penha Nua, lembrando o cume solitario Da pavorosa e funebre montanha Negra, do negro e funebre Calvario.

Depois o tronco e os hirtos e sombrios, Asperos braços, tristemente abertos Para suster-lhe os tremulos e fritos Membros chagados, de ossos descobertos.

Bello! Fizeste a cruz. Perfeita! Agora, Todo o teu genio, tudo o que de forças N'este teu grande cerebro demora, Todas as regras da arte em que te esforças;

Todas as tuas quentes energias, Tudo o que em tua ardente alma fecunda A arte procrea, desde as utopias Ao que deduz da analyse profunda;

Tudo em teu craneo evoca n'este instante, Por que possas no marmore gelado Gravar, musculo a musculo, o oflegante Vulto sangrento do crucificado;

Toma o cinzel, empunha-o resolutto, Dextro o bloco alvissimo burila; Faze-o que se transmude no impolluto Martyr que a morte aos poucos aniquilla.

Faze que a pedra tria, inerte e branca Viva, tremula oflegue, anseie, palpite, Das entranhas immoveis d'ella arranque Um ser que o espasmo, a ancia da morte agite.

Sabes do Christo a historia dolorosa Que a iniquidade encheu de luto e sombra; Sabes-lhe a vida, a heroica e procellosa Vida que o mundo e os seculos assombra.

Sabes-lhe as dores, os pezares todos E os desalentos, e esta indefinivel Mágoa de um Deus por despresiveis doudos Acomadado de doudo e despresivel.

Sabes. Po's bem, que o bloco alvinento, Pelo teu genio transformado, as cores Negras da angustia vista e represente Toda essa mágoa e todas essas dores.

Linha por linha, aos poucos, traço a traço, Golpe por golpe, as carnes polluidas Debuxa; esculpe o corpo exangue e lasso, Carcomido de chagas e feridas.

Esculpe-o todo: o busto, as mãos que os cravos Barbaros varam; desde os pés sangrentos A fronte angusta, que de espinhos bravos Corôa-ram bandidos truculentos!

E que esta fronte angusta e flagellada, D'onde gotteja o sangue e em fios corre, Seja, apesar de petrea, illuminada Pelo fulgido olhar de um Deus que morre!

Bravos! artista; applaudo-te, vencaste! Tudo, ó alma de eleito, conseguiste: Arranca-l-a do marmore pedestre Do nazareno a grande imagem triste!

Mas que teu genio não repouse! Escuta! Tu que soubeste, ardente de verdade, Fazer surgir um Deus da pedra bruta, Talha outro bloco, esculpe a humanidade!

Vamos! Esculpe a grande estatua humana! Faze-a erguer-se da pedra altiva e heroica, Com a heroica altivez de uma spartana E a heroicidade altiva de uma stoica!

Faze-a no molde das estatuas gregas. Molde pagão, serenamente bello E n'u, sem as roupagens que almas cegas Vestem pudicamente no modelo.

Porque ella é isto, a humanidade: é forte, Nua, a mostrar os musculos, robusta, Impercível, apesar da morte, Joyen, mau grado em gerações vetusta.

Lutas, no eterno e barbaro, insoffrido Combate humano, lutas e procellas. Tem-nas, travez dos seculos, vencido, E ha de, atravez dos seculos, vencel-as!

Risos: o amor, o sonho, a esp'rança, a creença; Prantos: a angustia, a coera, o diume; Tudo em sua alma triquetista e immensa A humanidade omnimoda resume.

Vamos, artista! Ao marmore! Trabalha! Faze que a humana estatua reproduza Nitidamente, sem a menor falha, Tudo o que a historia humana affirma e accusa.

Mas o que tens? Porque teu braço pende, Pára convulso e tremulo? Que assombro Te empallidece e como que suspende Um peso enorme e arrima-o no teu hombro?

Falla! Emmudeces? Ah! não falles! Basta Um só olhar que volvas-me, instantaneo, Para que eu saiba a angustia que devasta Todas as energias de teu craneo.

Basta-me o olhar. Embora o teu fecundo Genio de artista a um bloco n'u pedesse Ter arrancado o corpo moribundo De um Deus, agora o genio teu fallece.

Porque, ouve e crê: para as deslumbradoras Formas gravar no marmore, sem véos, Da humanidade, era mister que fôras, Tu mesmo um Deus!

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de HORJÓ TAVARES

I

Perdido

Fôra-se o sol. Ao crepusculo rápido succedea a noite, moite serena e escura, que apagou pouco a pouco os últimos ramos da terra somnolenta.

Elle continuava a andar sempre na frente, estugando o passo á medida que as sombras se fechavam. Seguia então por uma vereda estreita, talhada no solo pelo calcar constante da gente de campo e dos gados. A vereda subia ao alto d'um cerro, em cujas vertentes se destacavam grupos confusos de arvoredos cerrados, faias e robles. Estavam ao Norte da Espanha.

Era um homem de estatura mediana, aspecto viril, hombros largos, ademanos resolutos, andar firme, rosto cheio, olhos vivos, agíl a despeito da obesidade. Trazia chapéu d'aba larga, um binoculo de trincoello e a apoliva-se a um bengalião que lhe servia para affastar os espinheiros e silvados, que obstruam o caminho. Deteve-se por instantes e lançou o olhar em roda por todo o horizonte, denotando impaciencia e inquietação. Não teria grande confiança na exactidão do itinerário que seguia e esperaria encontrar algum aldeão que melhor o orientasse: sobre a topographia.

Hum! fez elle a meia voz. Posso lá enganar-me! Que demonio! Disseram-me que atravessasse o rio pela ponte: isso fiz. Depois que marcheasse sempre em frente: efectivamente pela rectaguarda deixei já essa deliciosa villa a que eu de bom grado chamaria *Villa lodosa*, pechando-me de lojão e de homem em a rua... Ora, andando em frente, sempre em frente, gosto da phrase e se tivesse brazão não lhe poria outra divisa... hei-de chegar ás famosas minas de Socrates.

E pôz-se de novo a caminho.

— Perdido-me, não ha que vêr, murmurou elle pouco depois. Ora aqui tens, meu Theodoro Gólfim, o resultado do teu em frente, sempre em frente! Estes lapuzes não conhecem o valor das palavras. Ou quiseram mangor comigo ou então nem elles proprios sabem onde ficam as minas de Socrates. N'um grande estabelecimento mineiro ha-de forçosamente haver cascas, chaminés, ruído, resfolgar de fornos, relinchos de cavallos, trepidações de machinas, e nem os meus olhos, nem os meus ouvidos, nem o meu olphato m'o revelam. Parece que estou n'um deserto. Que solidão! Se acreditasse em bruxas, diria que a minha má sorte me proporcionava a honra de lhes ser apresentado... Demonio! não haverá gente por aqui? A lua só está d'aqui a meia hora. Não! Perdido-me por tu culpa! Se ao menos podesse vêr onde ponho os pés...

E, encolhendo os hombros, continuou:

— Ora adeus! Os aldeões tinham razão: em frente, sempre em frente. A lei fatal da locomocão não pôde fallar n'este momento.

Posta, pois, em execução aquella lei, Theodoro andou mais um kilometro, seguindo ao acaso as atalhas que se cruzavam em abismos, variadissimos. Mas não obstante a sua intrepidez, o nosso viajante viu-se por fim forçado a parar. As veredas que a principio subiam, desciam agora, e Theodoro chegou a um ponto, de onde só poderia continuar a marcha, rebolando.

— Belló! bradou elle a rir. Onde te metteste, meu pobre dr. Gólfim! Isto parece um abismo. Vês alguma coisa lá em baixo? Nada, absolutamente nada. Pedregulhos e terrenos áridos, tisanados pelo oxido de ferro... Estou na região das minas. Mas nem sombra de gente, nem chaminés, nem ruído, nem comboios, nem sequer o ladrar de um cão. Que devo fazer? Seguir por este atalho que sobe? Voltar para traz? Tolicie!

Não seja eu quem sou, se ainda esta noite não chegar ás famosas minas de Socrates e não der um abraço em meu irmão. Em frente, sempre em frente!

Deu um passo em frente e logo se sentiu enterrado, até aos joelhos, na terra-movediça. — Obrigado, planeta! disse elle em voz alta. Queres então engulir-me? Saia a lua e veremos qual de nós é a voz forte! Esta rampa não deve levar ao parazo, não. Será a cratera d'um vulcão apagado? Cuidado, Theodoro! Se te descuidas, resvalas por ahí abaixo! Que é isto? Uma pedra... que nasce a lua!

Gólfim sentou-se tranquillamente como se estivesse em sua casa, e dispunha-se a acender um charuto, quando ouviu uma voz. Não havia duvida. Era uma voz, e voz hamana, muito ao longe, uma especie de queixime, ou antes um cantar melancolico de cadencias que se *smorzava*, apagando-se por fim no silencio placido da noite.

— Ora vamos, disse elle. Gente já nós temos. E' uma mulher e a voz é deliciosa. Não desgosto da musica popular d'estas paragens. Deve tornar a cantar... Não o disse? Que esplendida voz e que bella melodia! Parece que são das profundas da terra, e que o illustre Gólfim, o homem mais sério e menos supersticioso do mundo, vai encontrar-se cara a cara com as sylphides, as ondinas, os gnomos, as fadas e toda a casta de duendes. Mas... oh! demonio! dir-se-ia que a voz se affasta! Vae-se a cantora! Não, lá isso não! Oh, pequena! oh, rapariga! Pátra ahí! Espera um pouco!

Efectivamente, a voz que durante segundos deliciao o ouvido do extraviado, ia-se extinguindo nas trevas. Aos gritos de Gólfim, o cantor nocturno calou-se. A mysteriosa entidade gnomica, que espaciao o seu isolamento, cantando coplas tristes de amor, intimidára-se por certo com a brusca interrupção e fugira para as entranhas da terra, onde moram, avaras dos seus brilhos refulgentes, as pedras preciosas.

— Bello! murmurou Gólfim, acendendo um charuto. Não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe. Esperemos e fumemos. Sim, senhor! Não ha duvida que andei acertadamente, vindo só e a pé ás minas de Socrates! Aposto que a bagagem já lá está — mais uma prova das vantagens do em frente, sempre em frente!

Neste momento começou de soprar uma aragem ligeira e Theodoro julgou ouvir passos longinquos vindos do fundo do abismo, que se lhe abria aos pés. Alguem andava lá em baixo. Levantou-se então e bradou:

— Mulher, homem, ou quem quer que sejas! que te venha a dar a cara nas minas de Socrates?

Respondeu-lhe o ladrar de um cão, e quasi em seguida ouviu-se uma voz de homem:

— Aqui, Choto! Aqui!

O cão, um animal enorme, de pêllo negro, chegára-se ronnando, mas voltou logo para junto do dono.

Só então o nosso viajante enverguo o vulto d'um homem, immovel como uma estatua, cerca de dez metros abaixo, a meio de um atalho transversal.

O atalho e o estranho personagem fizeram exultar Gólfim, que ergueu os olhos ao céu, exclamando:

— Ora graças a Deus! Vou emfim saber onde estou. Um caminho a dois passos e eu sem o vêr! Olá, oh amigo! Não é aqui que existem as minas de Socrates?

— Sim, senhor. E' aqui, mas ainda estamos longe do estabelecimento.

Era uma voz juvenil e de timbre suave, e o tom da resposta indicava o desejo de prestar todas as informações.

A lua assomava agora das bandas do Oriente, fazendo emergir das trevas mil contornos confusos.

— *Fiat lux!* disse Gólfim, descendo ao encontro do desconhecido. Parece que são do chão primitivo para a vida. Obrigado, amigo, pelo serviço que já me fez ter outros que ainda me fariam. Saia de Villamojada ao solo posto, onde me disseram que marcheasse sempre em frente.

— Vae ao estabelecimento! perguntou o mysterioso personagem, conservando-se immovel, sem olhar para o seu interlocutor, que se achava já a dois passos d'elle.

— Vou. Creio que me perdi.

— Esta não é a entrada para as minas; a entrada é pela estrada de Rabafones, onde ha a estrada e o caminho de ferro em construção. E' questão de dez minutos de caminho. Por aqui gasta-se mais tempo, porque a distancia é maior e o caminho é mau. Estamos na ultima zona de exploração e ha que atravessar algumas galerias e tunicas, subir taludes, descer o plano inclinado e percorrer as minas todas d'um extremo ao outro. Lá ao fim é que estão os escriptorios, os fornos, as machinas, o laboratorio e as officinas.

— Errei por pouco, não ha duvida! disse Gólfim, rindo.

— Eu conheço bem este sitio, se o desejas, servindo-hei de guia.

Theodoro Gólfim, enterrando-se até aos tornozellos na terra fôia, resvalando aqui e cambaleando acolá, chegou por fim a pôr os pés no atalho. Olhou então para o que lhe fallava, e não pôde reprimir um gesto de surpresa.

— O senhor é...? murmurou elle.

— Sou cego, sou, atalhou o rapaz. Não me perco nas minas de Socrates. Este pau enfiado no caminho, e quando Choto não pôde acompanhar-me, tenho a *Neba*, que é o meu verdadeiro cão de cego. Confie em mim. Eu o guiarei.

11

Atravez das minas

— Cego de nascimento! disse Gólfim com vivo interesse, que não era inspirado apenas pela compaixão.

— Sim, senhor, de nascimento, respondeu o cego naturalmente. Só conheço o mundo pelo pensamento, pelo tacto e pelo ouvido. Persisto que a parte mais maravilhosa do Universo é a que me está vedada. Sei que os olhos das outras pessoas não são como os meus. Os outros vêem... e esse dom parece-me tão extraordinario, que nem comprehendo a possibilidade de chegar a possuil-o.

— Quem sabe?... murmurou Theodoro. Mas... que vejo eu acolá? Que surprehendente espectáculo é este!

Gólfim, que dera alguns passos ao lado do guia, parou maravilhado perante a phantastica perspectiva que se lhe offerecia. Achava-se n'uma especie de cratera de vulcão, de terreno accidentado e taludes irregulares. Nos declives e ao centro da enorme caldeira, cuja grandeza a meia claridade avolumava, erguiam-se figuras colossaes, semelhando homens disformes, monstros de pernas para o ar, braços enormes erguidos, pés gigantescos, desenhos de cousas phantasticas, como as que nas nuvens se fazem e desfazem. Mas tudo isso estava hirto, immovel, rigidado, da cor das mumnias, n'uma media tinta de terno avermelhado. Dir-se-hia que todas essas formas haviam sido surprehendidas pela Morte que as transformára na petrificação d'uma orgia de duendes gigantescos.

(Continúa.)

Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C^a

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

Instrumentos de Musica

ou

Accessorios para os mesmos

NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANCA

Especialidade
em cordas para violão,
taboaca e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no numero

N.º 486



Registrada por despacho da Excm^{ta} Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.

Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Parã e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaisquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C^a

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARÁ



ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Acho-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 35\$000 réis, enc. 40\$000 réis. Despostos permanentes. — Publicação de uma cadernetta mensal ao preço de 3\$000 réis franco de porte.

EDITORES: **LEMOS & C.ª** sucessores
Largo de S. Domingos, 633. — PORTO
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.ª — Rua da Quitanda, 33

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amarim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direccção de MAXIMIANO LEMOS

Lista da Escola Medico-Chirurgica da Pariz

Com a collaboração effectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Agular, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueja, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmiano Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Pillino, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Brasil), dr. Julio Henriques, Julio Fortella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queiroz, Paulo Marcellino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

PERNANBUCO PENSAO DERBY

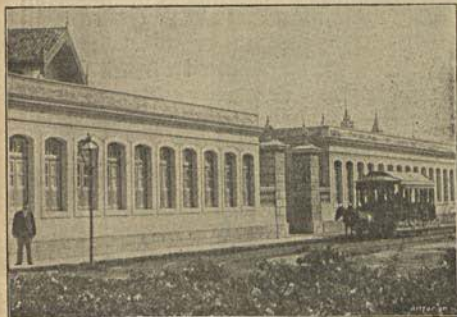
Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de biliars. Jogo da bola. Boles para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico-DARBY. Caixa do correio n.º 103. O Bond do Derby passa pela da Penião.



NOVOS RELOGIOS REMONTOIRS

Com mostradores luminosos nos quaes se vê as horas das escuras

Diplomas e medalhas: Exposição de Genova 1868, Bruxellas 1876, Paris, 1900

	Moeda Portug.	Moeda Brazil.
1.ª - Relógio Remontoir, mostrador luminoso, muito solido e elegante, caixa em aço, fechado hermeticamente, reservado à poeira, excellent andamento, cylindro 6 rubis curvado, tamanho 18 linhas	30000	150000
2.ª - Idem, com uma caixa forte em prata	35000	250000
3.ª - Idem, em ouro	24000	180000
4.ª - Relógio Remontoir, para senhora, 11 linhas, muito elegante, caixa em aço	45000	200000
5.ª - Idem, em prata	15000	300000
6.ª - Idem, em ouro	16000	800000
7.ª - Relógio Remontoir, Bussina, alta novidade, formando relógio e bussola ao mesmo tempo, mostrador luminoso, tendo no mostrador a bussola gravada a carta geographica de Portugal ou do Brasil, Africa, ou de outros, para facilitar e tornar interessante a orientação, tamanho 18 linhas, excellent andamento, especialidade para militares, caçadores, viajantes, engenheiros, com caixa de nickel	58000	==
Idem, em prata	88000	==
Idem, em ouro	300000	==

Para encomenda de 6 relógios faz-se o desconto de 10 %. Expedição para Portugal contra vale do correio, incluindo de franquia, para o Brasil contra cheque bancario, incluindo de franquia.

Expede-se toda a qualidade de relógios por encomenda, sejam chronometros, com boletins de observatorio, chronographos, relógios de repetição com quartos e minutos, padometers, etc.

P. A. JOANNOT, FABRICANTE DE RELOGIOS

FUNDADO EM 1847

GENOVA (Suissa)

CANDIEIROS

Em todos os generos

Ganalisações para agua e gaz

Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro.
Louça de ferro esmaltado.
Retretes de varios sistemas
Objectos
proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA



ALMANACH ILLUSTRADO DO "BRASIL-PORTUGAL"

Para o anno de 1901

À VENDA NA PRINCIPAES LIVRARIAS DO PAIZ

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 10

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 %, e commissão de 1/4 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou a ordem, vencendo 2 1/4 % a ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/4 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma agencia que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



Casa matriz—RIO

CASA FILIAL

Rua Florencio d'Abreu, 34

S PAULO



Casa matriz e fabrica

RUA DA' QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com officinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade



COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM



Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros



GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

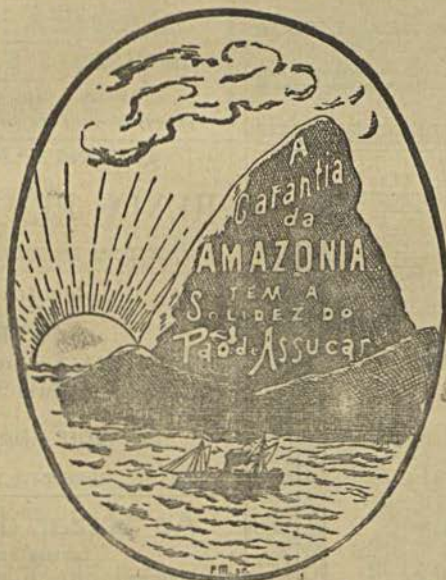
Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realizados em vigor.....	50.297:000\$000	}	Reserva de re-seguro	2.601:265\$377
Novos seguros propostos em 1899.....	24.451:000\$000		Sobras-Garantia suplementar	491:282\$804
Seguros accetes em 1899.....	20.895:000\$000	}	Valor actual sobre o valor nominal de títulos e predios que possui.....	200:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899.....	3.356:000\$000		Sinistros pagos até esta data.....	1.028:000\$000
Renda em 1899	3.428:944\$128			

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

"Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correccção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encômio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

"Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço".

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.
Para passageiros de 5.ª classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.ª, 4, Praça dos Remolchares.
Para carga, passagem e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Annes, 32.
Tele. Companhia das Messageries Maritimes
Soc. Torlonas.

VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.ª

Porto

Casa fundada

em

1872

Premiada
com os primeiros
premios em todas
as exposições.

R. Pinto Santos Junior & Comp.ª



CESAR A. PAIVA
CIRURGIA DENTISTA
DE
SUAS MAJESTADES E ALTEZAS
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100, 1.ª
LISBOA

Livraria moderna PEREIRA & SILVA
PARA — R. Cons.ª João Alfredo, 25
Livraria amena
Sortimento completo de livros de
litteratura, direito, instrucção, etc
PENINCENES DE ESCRITORIO
Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna.



BILHARES ARTISTICOS PRIVILEGIADOS
Unicos guarnecidos com a celebre tabella SOUVERAINE
Formador
Unico deposito em Portugal da celebre tabella SOUVERAINE e de todos os da Casa Royal accce sorios da casa ST. MARTIN, de Paris.

A maior fabrica de BILHARES do mundo
PIANOS Grande sortimento de pianos de 4 até 90 libras
Unicos depositos e a Portug. l dos celebres pianos de F. WEBER,
de Berlin.

ANTONIO J. P. SAMPAIO
Largo da Graça, 114, 115 e 15-A — Oficinas — Travessa do Monte — LISBOA

JOÃO BASTOS & C.ª
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.ª

COMPANHIA
PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA
Dr. Manuel Gomes Matta
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Dupret

SEDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.º 487 — BRASIL — PARA

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelerias, livros em branco, chapéus, saracoteiros, corças para violão: Realções. Caixas de musicas. Bóvaps feitas, portmanteiros, lufas quados. Camas de viagem, binoculos, artigos para presentes.

GRAND MAYON DE MIUEKAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é aboluido no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

Atelier-Photo-Chimico-Graphico
P. MARINHO & C.ª — Rua de S. Paulo, 216, 2.ª — LISBOA
NUMERO TELEPHONICO 929

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do pais, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO
DE
Constançipho d'Almeida



LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 rs.

15.000.000.000 REIS

De elictivos PAEY desde 1864 até 1895

PEREIRA & BEZERRA S. 1895-1900

Requiere socorre licencias, capitales de gas

em todos

Equitar: Atlantique & Union Maritimes

Compañia de Trasmonte comete se alonca muelle

de. Direccion: — Rua Mayor & Pallas

LISBOA. — Rua de Prata, 85, 1.ª

LA BÉGARRE

F. CARNEIRO & C.ª

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quiloteia

Este hotel, situado na parte mais central da

cidade, oferece todos os confortos de uma ca-

Regulador da Madre, Beirão

Approvado pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellente calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os períodos mensaes.

DEPOSITO

DROGARIA BEIRÃO

DE

CARYALHO LEITE & C.^a

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e hem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

V.^{ya} WENCESLAU GUIMARAES & C.^a

Commissões e Consignações

IMPORTADORE DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.^o 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

MAISON NOUVELLE

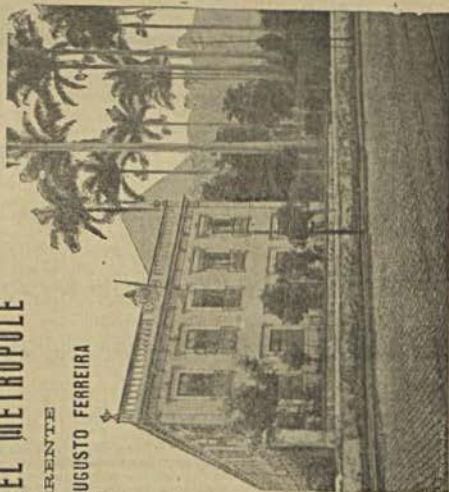


MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões
Com atelier de vestidos e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quinta das escadinhas de Santa Justa



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Corcovado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para amittas e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

110 DE JANEIRO



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; Paris, 1867 e 1875

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

G. E. CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de lollões

Encarrega-se de vendas em lollão, de predios, titulos das dividas publicas, geras e do Estado, terrenos, accões de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc., assim como recebe ordens para fazer lollões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

à Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 340

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeitos
Portuguezes

ENDER. TELEGR. Alda-

C. do Corrello 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

Fabrica S. Gonçalo

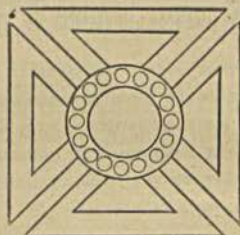
E. DE ANDRADE & C.ª



Chumbo

de

caça



Chumbo

de

caça



QUALIDADE SUPERIOR

Dureza

Perfeição

Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERC DO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735

Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.ª

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.ª

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos de Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficil, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 reis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a installar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Ender. eço telegraphico MAREIBO